

SEMANA DE ORAÇÃO 15 A 22 DE DEZEMBRO DE 1973

As mensagens da Semana de Oração deste ano têm como tema «Apressando a Ceifa». Não há tema que desperte nos filhos de Deus mais profundas emoções do que o que leva as suas mentes a deterem-se na volta de nosso Senhor a esta terra e nos acontecimentos relacionados com essa gloriosa vinda. Falando aos Seus discípulos, Jesus referiu-Se à Sua segunda vinda como sendo o tempo da ceifa, o tempo em que o grão maduro por sobre toda a terra será recolhido na Casa do Senhor.

Uma crescente compreensão do que a obra da redenção concluída significa para o filho de Deus traz-lhe um empolgante desejo de estar com o Senhor; desfazem-se os laços que o têm ligado à terra, e ele começa a viver na contemplação do céu.

Os autores destas mensagens levam-nos a uma mais clara compreensão dos acontecimentos relacionados com a ceifa e do que deve ser a nossa relação com aquele dia.

Pedimos-vos que vos aproximeis desta Semana de Oração com um ardente desejo de preparar a vossa vida para a Ceifa iminente e de partilhar com outros as glórias que aquele dia trará.

OFICIAIS DA CONFERÊNCIA GERAL

SUMÁRIO

É tempo de buscar ao Senhor
Tempo da Ceifa
Porque espera Jesus
A geração da Ceifa
A missão da Ceifa
O Senhor da Ceifa
A vida que apressa a Ceifa
A Sacudidura e a Ceira
O Lar após a Ceifa

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal
OUTUBRO DE 1973
ANO XXXIV N.º 325

Director:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



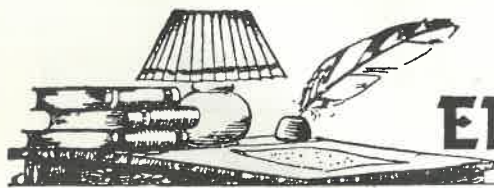
PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:
RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V Ê M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMÍLCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00
Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00
Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

É TEMPO DE BUSCAR AO SENHOR

Se estas palavras do profeta (Oseias 10:12) tiveram jamais aplicação — como aliás tiveram —, hoje, mais do que nunca, elas encerram um desafio, para nós que vivemos nesta hora decisiva da história do mundo.

A sociedade que nos cerca está saturada de impiedade. Orgulhosos das suas próprias conquistas nos domínios da ciência e da técnica, os homens pretendem prescindir de Deus e sacodem o jugo da Sua soberania.

Abandonados a si mesmos, estão demonstrando até que ponto pode descer a natureza humana sem a influência restringidora do respeito pela lei divina. A corrupção política, social e moral está atingindo os últimos limites. As condições dos nossos dias se ajustam as palavras do Salmista: «Já é tempo de operares, ó Senhor, pois eles têm quebrantado a Tua lei.» Sal. 119: 126.

Em vão procuram multidões embalar-se com religiões de feitura humana. Diferentes religiões e diferentes igrejas, remetendo para um plano secundário as suas doutrinas peculiares e distintas, procuram aproximar-se, talvez unir-se, para prosseguir objectivos puramente humanos. Mas esses movimentos não podem, nem aliás visam, reconduzir o homem a Deus. Só a religião vinda de Deus pode levar o homem a Deus. O Evangelho ecuménico, ou social, jamais poderá substituir o Evangelho da conversão pessoal.

É nesta hora crítica que se torna necessário reexaminar as bases em que se apoia a nossa fé. É agora que urge captar a visão da verdadeira razão de ser da nossa Igreja.

Com efeito, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem hoje

uma missão a cumprir, que lhe foi conferida pela própria inspiração profética.

Surgida no momento próprio, incumbe-lhe, desde que se iniciou no Céu a purificação do santuário, levar a toda a nação, tribo, língua e povo o Evangelho eterno, chamando a atenção particularmente para a hora do juízo, a soberania de Deus e a necessidade da obediência, e preparando os homens para se não deixarem enganar pelas contrafacções da verdade divina e para perseverarem firmes no meio do grande conflito que precederá a segunda vinda de Cristo.

Para o cumprimento desta missão, necessitamos, individual e colectivamente, de um reavivamento e de uma reforma. Mas para isso necessitamos do poder do Alto. E o poder do Alto só vem em resposta à oração.

É por isso que, mais uma vez, se destinou uma Semana de Oração e Sacrifício, durante a qual vamos procurar rever a nossa posição perante o mundo como igreja e reajustar a nossa relação perante Deus como indivíduos. Como testemunho da nossa consagração vamos também entregar-lhe a nossa oferta anual de gratidão e amor.

Sugerida para todo o mundo a data de 3 a 10 de Novembro, na União Sul-Europeia foi adoptada a data de 15 a 22 de Dezembro, a fim de deixar livres as igrejas para as Campanhas de Reavivamento e Evangelização que terão lugar de 17 de Novembro a 15 de Dezembro.

De qualquer maneira, não percamos a oportunidade, neste fim de ano, de ter mais uma Semana de Oração e Sacrifício. Como nunca, «é tempo de buscar ao Senhor».

E. Ferreira

TEMPO DA CEIFA (*)

«Estamos vivendo no tempo da ceifa», escreveu Billy Graham numa recente carta a seus telespectadores. «Tendo sido criado numa quinta, eu sei que o tempo da ceifa é breve — pode não durar muito. Fariamos bem em tirar partido desta situação, *agora* — com todas as facilidades que temos! Um tal momento pode nunca mais voltar... porque Satanás está à obra política, social, espiritual e moralmente, semeando o seu joio ruim, perigoso e vicioso, tal como Jesus profetizou que ele o faria.»

O bem conhecido evangelista declarou que nunca houve um tempo na história em que a «seara estivesse tão madura». Suas assustadoras palavras soam como um eco dos conselhos do Espírito de Profecia: «Aquilo que vemos e ouvimos nos conclama ao dever. A operação de instrumentalidades satânicas convoca todo o cristão a permanecer em seu posto.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 294.

Os tempos nas mãos de Deus

Ao estudarmos com oração o tema desta Semana de Oração «A Ceifa», aprofundar-se-á a convicção em muitas mentes Adventistas do Sétimo Dia de que se está aproximando a terminação do tempo de prova, e que a seara da terra está amadurecida, e que a vinda do Senhor está às portas. Mas, ao estudarmos especificamente o tema «Tempo da Ceifa», lembremos as palavras de nosso Senhor aos discípulos: «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas» (Actos 1:7, 8).

E o Espírito de Profecia diz-nos que «Deus não nos revelou o tempo em que esta mensagem terminará ou em que a provação chegará ao fim. As coisas que estão

reveladas nós aceitaremos para nós e nossos filhos; mas não busquemos saber aquelas que têm sido mantidas secretas nos conselhos do Todo-Poderoso...

«Tem-me chegado cartas perguntando se tenho alguma luz especial acerca de quando findará o tempo de prova; e eu respondo que apenas tenho esta mensagem para dar, de que agora é tempo de trabalhar enquanto é dia, porque a noite vem, e nela ninguém pode trabalhar. Agora, precisamente agora, é tempo para vigiar, trabalhar e esperar.» — *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, sobre Apoc. 22:10-12, p. 989.

A Sr.^a White declarou: «Em sentido especial foram os Adventistas do Sétimo Dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre ele incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 288.

«A advertência deve ser dada em tons distintos. Tem de ser preparado o caminho para a vinda do Príncipe da Paz nas nuvens do céu.» — *Ibid.*, p. 293.

Todos devem ser testemunhas

Todos os membros de igreja podem unir as mãos nesta boa obra da proclamação da mensagem da Ceifa. Podem assim manter-se firmes até terminar o tempo de prova. Mas alguns pelas suas vidas e pelo silêncio do seu testemunho proclamam «o meu Senhor tarde virá.» Haverá um tempo de sacudida e grande número daqueles que professam crer na verdade a abandonarão. Isto é uma prova de que o tempo da ceifa está próximo. Escreveu a serva do Senhor: «Satanás operará seus milagres para enganar; estabelecerá seu poder como supremo. A

(*) Grande parte do contexto deste artigo é da autoria de Ellen G. White.

igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora no joeiramento — a palha separada do trigo precioso. É esse um transe terrível, não obstante importa que tenha lugar. Ninguém senão os que venceram pelo sangue do Cordeiro e a palavra do seu testemunho será encontrado com os leais e fiéis, sem mácula nem ruga de pecado, sem engano em sua boca». — *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 380.

Escutai esta inspirada mensagem: «Há homens que receberão a verdade e estes tomarão os lugares deixados vagos por aqueles que se ofenderam e deixaram a verdade... O Senhor operará de modo a que os desleais sejam separados dos verdadeiros e leais. Os que como Cornélio temerem a Deus e O glorificarem tomarão os seus lugares. *As fileiras não diminuirão*. Os que são firmes e fiéis preencherão as vagas deixadas pelos que se ofenderam e apostatarão.» — Manuscrito 97, 1898. (Itálico nosso).

A ceifa do trigo e do joio

No livro *«Parábolas de Jesus»*, p. 75, lemos: «O trigo e o joio crescem juntos até à ceifa, o fim do mundo. Então o joio será atado em molhos para ser queimado, e o trigo será recolhido no celeiro de Deus.» Este é o espectáculo da grande ceifa. (Ver Mateus 13:24-30 e Apocalipse 14:14-19).

O joio são os que professam seguir a Cristo, mas são indiferentes, descuidados e possuem mentes mundanas; o trigo, os santos, que vivem e testemunham para Ele. A diferença de carácter é finalmente vista. A divisão entre o povo do Senhor é então feita. Passa-se isto no fim do tempo de prova (Parábolas de Jesus, p. 72) e exemplifica-se grandemente na grande ceifa escatológica.

Tende também em mente que «a ceifa da vida é o carácter e é este que determina o destino tanto para esta como para a vida futura.», escreveu Ellen White. (*Educação*, p. 109).

E novamente a citação: «'Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa'. Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus» *Parábolas de Jesus*, p. 69.

Mas o joio não tem valor nem para o homem nem para Deus e por isso se queima como algo de inútil.

Quando terá lugar a ceifa?

Quando terá lugar o tempo da ceifa? Daqui a um ano? Daqui a cinco anos? Dez anos? Certamente que o tempo da ceifa já passou. A volta do Senhor está próxima, mas os Adventistas do Sétimo Dia não estabelecem nem nunca estabeleceram datas. Num artigo da *Review and Herald* de 22 de Março de 1892, Ellen White escreveu: «Em lugar de exaurir as energias da nossa mente em especulações quanto ao tempo e às estações que o Senhor estabeleceu pelo Seu próprio poder, e reteve dos homens, devemos render-nos nós mesmos ao domínio do Espírito Santo, cumprir os deveres actuais, dar o pão da vida, não adulterado com opiniões humanas, a almas que estão perecendo pela verdade.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 186.

A serva do Senhor disse no ano de 1883:

«Os anjos de Deus em Suas mensagens aos homens, apresentam o tempo como muito breve. Assim ele me tem sido sempre apresentado. É verdade que o tempo tem prosseguido mais do que esperávamos nos primeiros tempos desta mensagem. Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém a palavra do Senhor? Nunca! Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.» — *Ibid.*, p. 67.

O que poderia ter sido

O tempo da ceifa final do mundo é mistério de Deus. Mesmo os anjos não sabem o dia e a hora exactos. E está para além do conhecimento do homem. Nenhum pastor ou estudante da Bíblia o pode predizer. Nenhuma verdadeira mensagem da parte de Deus será alguma vez baseada sobre tempo. Não há nenhum estabelecimento bíblico de tempo depois de 1844. A mensagem do terceiro anjo nunca deve ser baseada sobre tempo definido como foi a mensagem de 1842-44. Escreveu a Sr.^a White: «O povo não terá outra mensagem sobre tempo definido. Depois deste período de tempo, mediando entre 1842 e 1844, não pode haver nenhum estabelecimento definido de tempo profético. O cômputo mais longo alcança o Outono de 1844.» — *The SDA Bible Commentary*, Ellen White Comments on Apocalipse 10:11, p. 971.

E de novo em *Primeiros Escritos*, p. 75: «O tempo não tem sido um teste desde 1844 e nunca mais o será.»

Ellen White escreveu reflectidamente em 1883 acerca do movimento Millerita: «Houvessem os Adventistas, depois do

grande desapontamento de 1844, sustido firme sua fé e seguido avante unidos, segundo a providência de Deus lhes abria o caminho, recebendo a mensagem do terceiro anjo e ao poder do Espírito Santo proclamando-a ao mundo, haveriam visto a salvação de Deus, o Senhor teria operado poderosamente com os esforços deles, a obra haveria sido concluída, e Cristo teria vindo antes para receber Seu povo para dar-lhe o seu galardão. Mas no período de dúvida e incerteza que se seguiu ao desapontamento, muitos dos crentes no advento renunciaram a sua fé... Assim foi prejudicada a obra, e o mundo foi deixado em trevas. Houvesse todo o corpo de crentes adventistas se unido nos mandamentos de Deus e na fé de Jesus, quão grandemente diversa teria sido a nossa história!» — *Evangelismo*, pp. 695, 696.

A mensageira de Deus explicou que «não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo houvesse sido assim retardada. Não era desígnio Seu que Seu povo, Israel, vagueasse quarenta anos no deserto. Prometeu conduzi-los directamente à terra de Canaã, e estabeleçê-los ali como um povo santo, sadio e feliz. Aqueles, porém, a quem foi primeiro pregado, não entraram 'por causa da incredulidade'. Seu coração estava cheio de murmuração, rebelião e ódio, e Ele não podia cumprir Seu concerto com eles.

«Por quarenta anos a incredulidade, a murmuração e a rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do Israel moderno na Canaã celestial. Em nenhum dos casos houve falta da parte das promesas de Deus. *É a incredulidade, a mundanidade, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo de Deus que nos têm detido neste mundo de pecado e dor por tantos anos.*» — *Ibid.*, p. 696 (Itálico nosso).

Apressando a volta de nosso Senhor

No ano de 1913 a Sr.^a White enviou a sua última mensagem escrita para ser lida na sessão da Conferência Geral. Dois anos depois faleceu. Era uma mensagem de coragem e de animadoras perspectivas:

«Tenho estado profundamente impressionada com cenas que recentemente passaram perante mim em visões da noite. Parecia haver um grande movimento — um trabalho de reavivamento — progredindo em muitos lugares. O nosso povo avançava resolutamente, respondendo ao chamado de Deus. Meus irmãos, o Senhor está-nos falando. Não daremos ouvidos à Sua voz?

Não poremos em ordem as nossas lâmpadas e não agiremos como homens que esperam a vinda do seu Senhor? O tempo exige portadores de luz, exige acção» — *Life Sketches*, pp. 425, 426.

«E-nos dito nestas mesmas inspiradas mensagens que «dando o Evangelho ao mundo está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor.» — *Evangelismo*, p. 696. «É privilégio de todo o cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Se todos os que professam o Seu nome estivessem produzindo frutos para Sua glória, quão rapidamente não seria lançada em todo o mundo a semente do evangelho! Depressa amadureceria a última seara, e Cristo viria para juntar o precioso grão.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 213.

«Multidões receberão a fé e unir-se-ão aos exércitos do Senhor.» — *Evangelismo*, p. 700.

Nenhuma desorganização da Igreja

E não haverá nenhuma desorganização da igreja nestes últimos dias de vital testemunho. Temos estas sábias instruções:

«Alguns têm apresentado o pensamento de que ao nos aproximarmos do fim do tempo, todo o filho de Deus agirá independentemente de qualquer organização religiosa. Mas fui instruída pelo Senhor de que nesta obra não há coisa que se assemelhe a cada homem ser independente. Todas as estrelas do céu estão sujeitas a lei, cada uma influenciando a outra a fazer a vontade de Deus, prestando obediência comum à lei que lhes controla as acções. E para que a obra do Senhor possa avançar de maneira sadia e com solidez, deve Seu povo unir-se...

«Desejamos manter uniformemente as linhas, para que não haja colapso do sistema de ordem que foi construído por um trabalho sábio e cuidadoso.» — *Testemunhos para Ministros*, p. 489.

Responderemos nós a este chamado de unidade de esforço e unir-nos-emos aos exércitos do Senhor em activa consagração e serviço? Escreveu Ellen White: «Negaremos o próprio eu de modo que a seara a desperdiçar-se possa ser ceifada?

«Deus pede talentos de influência e de meios. Recusar-nos-emos a obedecer? Nosso Pai celestial concede dons e solicita parte de volta, a fim de provar se somos dignos de possuir o dom da vida eterna.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, p. 389.

Podemos fazer desta semana uma semana de reavivamento nos nossos próprios corações. Assistamos todos sempre que pos-

PORQUE ESPERA JESUS

Quando semeamos os nossos quintais, fazemo-lo porque temos a lógica esperança de que haveremos de ter oportunamente uma boa colheita. Quem semeia cereais só para os ver lutar com as ervas daninhas? O lavrador, e todo aquele que semeia alguma coisa, espera colher e é esse o objectivo do seu labor. Nenhum outro objectivo seria, aliás, lógico.

Mas, quando o milho, os tomates, as ervilhas e as abóboras são semeados, saberá aquele que os semeia o dia em que cada um destes produtos estará pronto para ser colhido? Em certo sentido, sim! Quando, por exemplo, se compra semente de milho através de catálogos, cada variedade é ali descrita em pormenor e especifica-se a sua estação de crescimento. Certa qualidade de milho estará pronto em 68 dias, outras variedades em 72 ou 78 dias.

Mas, um agricultor que percebe do seu ofício colherá porventura o seu milho olhando apenas o calendário e calculando o número de dias? Não. Mantém-se alerta, observando as características de amadurecimento que indicam quando o milho está realmente maduro para ser colhido. O catálogo de sementes diz ao agricultor quando o milho deveria estar maduro, quando deveria ser colhido — se todas as condições de crescimento fossem favoráveis. Mas se o Verão é demasiado quente ou demasiado frio, demasiado seco ou demasiado húmido, ou se o terreno se encontra subnutrido, o tempo da colheita será directamente afec-

tado. O agricultor tem de esperar até que a sua colheita esteja amadurecida, o que acontece às vezes muito mais depois do que a princípio esperava, devido a condições menos perfeitas que frustraram o seu primitivo cálculo de tempo.

Tudo o que nos parece compreender acerca de jardins e hortas ajudar-nos-á ao procurar compreender a razão porque Jesus espera, porque tem sido tão retardado o Seu regresso a esta terra. Talvez que Jesus tenha escolhido comparar o fim do mundo com a colheita de um lavrador por saber que os homens em toda a parte compreendiam, até certo ponto, as esperanças e problemas ligados à ceifa de um campo de trigo ou à colheita de um quintal semeado de tomates. De modo maravilhoso, Ele comparou o ponto focal do plano da salvação a uma ceifa terrestre.

Em S. Marcos 4, Jesus explica a natureza do reino de Deus: «O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como. Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga. E, quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa» (versículos 26-29).

Salientado o princípio da ceifa

Quando Jesus descrevia a João, em Patmos, a natureza e o tempo do Seu segundo advento, salientou o princípio da ceifa como a chave para a compreensão do porquê todo o céu esperar por uma retardada colheita até ao século vinte: «E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a



sível às reuniões e oremos pelo derramamento do Espírito de Deus sobre a igreja. Roguemos: «Senhor, envia um reavivamento e ajuda-me a experimentar pessoalmente a salvação de Deus.» «E quando a última grande colheita estiver recolhida» escreve E. White, «os molhos que estão habilitados a trazer ao Mestre serão a recompensa do uso abnegado dos talentos a eles entregues.» — *Actos dos Apóstolos*, p. 340.

sua foice à terra, e a terra foi segada» (Apoc. 14:14-16).

Os objectivos do reino de Deus e do campo semeado de cereal são os mesmos: nenhum está maduro para a ceifa a menos que o grão tenha amadurecido. Assim como o lavrador tem de esperar que a semente amadureça, do mesmo modo Jesus tem de esperar que a semente do evangelho produza um grupo razoavelmente grande de amadurecidos cristãos na última geração.

«O objectivo do lavrador no lançar a semente e na cultura da planta crescente é a produção de cereal... Assim espera o Lavrador divino uma colheita como recompensa de Seu trabalho e sacrifício. Cristo procura reproduzir-Se no coração dos homens; e faz isto por intermédio daqueles que n'Ele crêem. O objectivo da vida cristã é a frutificação — a reprodução do carácter de Cristo no crente, para que Se possa reproduzir em outros.» — *Parábolas de Jesus*, p. 67.

Os lavradores e os profetas têm geralmente várias coisas em comum, a principal das quais é que ambos assentam em profecias condicionais. Os lavradores sabem, por exemplo, na base das promessas do catálogo que o milho serôdio deve estar pronto em 68 dias, se! O «se» — coisas tais como as variáveis quantidades de chuva, a temperatura do dia ou da noite — está muitas vezes para além do controle do lavrador.

Semelhantermente, o nosso Senhor diz-nos que a demora na ceifa deste mundo não tem sido devida a uma mudança de intenção por parte do divino Lavrador. Tanto quanto diz respeito a Deus, a ceifa já podia e devia ter sido feita há dezenas de anos. Vivemos agora no tempo da ceifa retardada. O fruto — o testemunho pessoal que reproduz o carácter de Jesus — ainda não amadureceu.

Esta linha de pensamento não é nova para os Adventistas do Sétimo Dia. Em 1883 Ellen White pleiteou com os membros de igreja seus companheiros para compreenderem porque Jesus estava demorando a Sua vinda: «É verdade que o tempo tem prosseguido mais do que esperávamos nos primeiros tempos desta mensagem. Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Falhou, porém, a palavra do Senhor? Nunca! Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais...

«Houveram os Adventistas, depois da grande decepção de 1844, ficado firmes na fé, e seguirão avante em união no caminho aberto pela providência de Deus, recebendo a mensagem do terceiro anjo e proclamando-a ao mundo, no poder do Espírito Santo, haveriam visto a salvação de Deus, o Senhor

haveria cooperado poderosamente com seus esforços, a obra se haveria completado, e Cristo haveria vindo antes disto para receber Seu povo para lhes dar o galardão.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pp. 67, 68. (Itálico nosso).

A verdade reivindica o carácter

Inequivocamente, tão claramente quanto as palavras possam transmitir o pensamento, Ellen White declarou a triste e todavia desafiadora verdade de que a volta de Jesus estava já retardada em 1880, e que Ele continuaria a esperar até que a Sua igreja na terra reivindicasse a verdade — o Seu carácter — em suas vidas.

Além disso, Ellen White advertiu que os Adventistas não devem, por mais plausível que seja o seu raciocínio, culpar a Deus pela demora do Advento. «Não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse assim retardada. Não era designio Seu que Seu povo Israel vagueasse quarenta anos no deserto... Por quarenta anos a incredulidade, murmurações e rebelião excluíram o antigo Israel da terra de Canaã. Os mesmos pecados têm retardado a entrada do moderno Israel na Canaã celeste. Em nenhum dos casos as promessas de Deus estiveram em falta. É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos têm conservado neste mundo de pecado e dor por muitos anos.» — *Ibid.*, pp. 68, 69.

Em 1901, referindo-se ao retardado Advento, ela aconselhou que «por amor de Cristo, Seu povo não deve acrescentar pecado a pecado, responsabilizando a Deus pela consequência do seu próprio procedimento errado» (*Evangelismo*, p. 696).

Como poderiam os Adventistas do Sétimo Dia culpar a Deus pelas consequências do «seu próprio procedimento errado»? Certamente que o não fariam directamente. Todavia, poderia acontecer que, esquecendo o princípio da ceifa, chegássemos a apresentar razões que em realidade transferissem a responsabilidade da demora do professo povo de Deus para o próprio Deus!

Por exemplo, explicações como as que se seguem tendem a desviar furtivamente a responsabilidade da demora da igreja na terra: a) No julgamento dos mortos e dos vivos, desde 1844, os anjos têm estado voltando as páginas de cada pessoa inexoravelmente, infatigavelmente, dia e noite, e quando a última página for voltada, então e só então terminará o tempo de prova; b) Deus tem o Seu próprio relógio celestial para todos os principais acontecimentos do mundo, os ponteiros movem-se sem des-

canso e quando o ponteiro bater meia noite, o tempo de prova terminará, seja qual for o estado da igreja; c) O tempo de prova não pode terminar sem que a Turquia chegue ao seu fim sem ninguém para a ajudar.

Mas se Jesus poderia ter vindo antes de 1883, como Ellen White muitas vezes observou (ver L. E. Froom, *Movement of Destiny*, pp. 561-682), nenhuma destas explicações humanas tem validade. A simples razão para a demora do Advento está contida no princípio da ceifa — embora Jesus pudesse ter vindo há um século, embora a ceifa pudesse ter tido lugar há quatro ou cinco gerações, Jesus volta somente quando a colheita estiver madura.

O princípio da ceifa como explicação para o retardado Advento não é algo de novo que a Igreja Adventista tenha ensinado para explicar porque Jesus ainda não veio durante a vida de várias gerações que O aguardaram e esperaram.

Jesus salientou o conceito de uma ceifa condicional em Mateus 24 e 25 quando respondeu à pergunta: «Qual será o sinal da Tua vinda e do fim do mundo?»

Na Sua admirável resposta à pergunta que dizia respeito ao tempo do Seu segundo Advento, Jesus salientou o estado da igreja e não o estado do mundo. É a Igreja, e não as condições do mundo, quem, em primeiro lugar determina quando o Senhor regressa a Seus servos fiéis, quando o Noivo vem para Sua noiva, quando o Negociante volta para junto dos Seus empregados, aos quais deu várias responsabilidades.

Jesus sabia que colocar indevida ênfase nas condições do mundo, que sempre está em perturbação, como o principal sinal para o fim do mundo, seria como se um lavrador dissesse: «Parece que vai haver uma terrível tempestade. O melhor é ceifar o meu trigo!» Há tanta relação entre uma tempestade e ceifar cereal maduro como entre perturbação do mundo e prontidão da Igreja para o Advento.

Através de Mateus 24 e 25 Jesus salienta a qualidade de vida que, dentro da igreja, separa os fiéis dos que não estão preparados. Os servos bons e fiéis, as virgens prudentes, o empregado responsável e os que são representados pelas ovelhas «à sua mão direita», todos esses reflectem um estilo de vida que Deus pode usar na pregação da verdade. Esta espécie de pessoas são instrumentos por meio dos quais «o evangelho do reino» será ouvido e visto; o testemunho dramático, distintivo das suas vidas será de facto as «boas novas» de que Jesus reina nas vidas dos homens — esta mensagem em cores vivas será «pregada em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes e então virá o fim.» (v. 14).

Diferença qualitativa

Somente quando esta diferença qualitativa for vista em toda a Sua glória e poder por todo este mundo, terá fim o tempo de prova e virá o fim. «Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa» (Marcos 4:29).

Os que trabalham com esperança e fervor no Advento podem crer que nosso Senhor não esperará um dia depois desse momento em que a decisão for tomada pela última pessoa indecisa quanto a aceitar ou não a maneira de viver Adventista. Por demasiado tempo tem Ele já estado esperando «à porta». Deseja voltar e pôr fim à triste história do pecado e miséria na terra. Deseja cumprir Suas promessas aos fiéis, tão depressa quanto possível.

Mas tem de esperar, aguardando «com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.

«Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadurecida a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.» — *Parábolas de Jesus*, p. 69.

Cada noite desta semana irá ser estudado algum aspecto das razões porque Jesus espera. Ele deseja que cada um de nós ouça o Seu apelo especial a Sua igreja neste tempo. Não só nos diz que nos preparemos, mas diz-nos também o que significa estar preparado. Oferece o auxílio de que carecemos para nos tornarmos representantes especiais de Sua graça e poder a fim de que possamos fazer a nossa parte a fim de que a nossa geração seja a última (a terra. Ouvi-O quando falar convosco.

«Ele (Cristo) não diz que todo o mundo se converterá, mas que 'este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.' Dando o Evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a vinda de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus. Se a Igreja de Cristo tivesse feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria já sido advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à terra em poder e grande glória.» — O Desejado de Toda as Nações, pág. 474.

A GERAÇÃO DA CEIFA

Os biliões de pessoas que hoje povoam o globo terrestre — com suas miríades actividades e problemas; seu sanguinário nacionalismo, militarismo e terrorismo; os seus complexos de força e a sua política do poder; suas desenfreadas paixões e frenético edonismo; sua clamorosa infidelidade e religião nominal; os seus ódios ferventes e afeições ilegítimas; a sua terrível pobreza e incrível riqueza — estão vivendo mesmo no fim do tempo. Estes biliões com as suas extraordinárias invenções e profunda ignorância espiritual, o seu secularismo, paganismo, a sua «forma de piedade», o seu comer, beber, casar e «dar-se em casamento» — são a geração da ceifa de que fala a profecia. Sobre este facto eles não têm qualquer veto. É-lhes negada a autoridade da sua opinião; o seu plebiscito é inválido. As profecias indicam que este é o período final deste mundo e profecias de origem divina nunca falham no seu cumprimento.

Os homens parecem desaparecer do facto de que há mais de um século e um quarto as suas sortes e destinos residem entre dois versículos das Escrituras — entre o versículo 13 e 14 de Apocalipse 6. Estão sendo poupados e sustidos pela admirável graça de um Deus paciente, que os ama com indizível amor e que é «longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há, se queimarão» (2 Ped. 3:9, 10).

Nas suas mensagens à igreja, Ellen White diz que «Houvessem os Adventistas ... seguido avante em união no caminho aberto pela providência de Deus... Cristo haveria vindo antes disto para receber Seu povo para lhes dar o galardão». Estas linhas foram escritas no princípio do século. O seu autor responsabilizou a igreja pela demora havida na vinda de Cristo. Porque, «a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá» (Lucas 12:48). É uma coisa terrível o que se tornou uma bem comum frase adventista: «Deus chamou-nos das trevas para a sua maravilhosa luz.» O facto terrível é justamente a responsabilidade concomitante com a luz.

Não anunciamos nós há já dezenas de anos que a vinda de Jesus está iminente? Esta frequente advertência é como o conto de Esopo em que o rapaz gritava «lobo» quando não havia nenhum lobo. Fazia isso apenas para se divertir com os crédulos pastores. (Todavia o lobo veio finalmente e o rapaz pagou bem caro por ter enganado os outros). Posso recordar a minha experiência pessoal de quando era rapazinho ouvir sermões de tão angustiante urgência acerca do fim do mundo que mal podia dormir de noite. Quando, mais tarde, Deus me chamou para o ministério, dizia para comigo mesmo, nesses dias da bomba atômica e da guerra da Coreia, que certamente Jesus voltaria a esta terra antes de eu terminar os estudos e me dedicar ao trabalho para o qual me sentia profundamente convicto de que Deus me chamara. Lembro-me de um professor que me recon-

duziu ao sábio e seguro conselho do Espírito de Profecia, fazendo-me ver claro sobre o assunto. Hoje, após mais de duas décadas de ministério, sou chamado veterano e começo a sentir que o sou.

Estaria José Bates errado ao andar pelas ruas proclamando a todos que Jesus em breve voltaria? Todos os pioneiros tinham esse mesmo sentimento. Emergindo dos escombros do amargo desapontamento de 1844 e participando nos segredos especiais de Deus através do precioso dom da profecia a Sua serva Ellen White, nós começámos realmente a proclamar com clara visão e convicção que Cristo deveria aparecer em breve. Calculámos mal? Estariámos novamente fora do caminho tão pouco tempo depois do Desapontamento? Será por isso que mesmo hoje tantos se sentem embaraçados e desconfortáveis ao ouvir um explícito sermão sobre esta urgentíssima verdade?

Âncoras espirituais

Deveríamos ter em nossa vida certas âncoras espirituais e quando o inimigo nos assaltasse essas deveríamos ir para além dessas âncoras. (Âncoras como a Bíblia, o Espírito de Profecia, a nossa crença nesta grande mensagem e igreja, a nossa conversão, a nossa fé no triunfo final da verdade, etc.) O profeta do Senhor falou da proximidade do fim há mais de um século e nos mais urgentes termos. Escreveu em *Primeiros Escritos*, p. 58, que «o tempo de Jesus permanecer no lugar santíssimo estava quase terminado e esse tempo podia durar apenas um pouquinho mais». Mas esperai! Paulo não fez menos em 1 Coríntios 7:29, quando declarou: «O tempo se abrevia.» E em Romanos 13:12, proclamou: «A noite é passada e o dia é chegado.» João escreveu de Patmos: «Próximo está o tempo.» E termina o canon com «Certamente cedo venho.» e «Ora vem Senhor Jesus». Os verdadeiros santos de Deus têm sempre tido a promessa da vinda do Senhor como tão amada e bem-aventurada, tão necessária e verdadeira, que têm vivido numa atitude de constante e fervorosa expectativa. Longe de lhes fazer perder a confiança ou de os transformar em escarnecedores, foi para eles uma fonte de alegria e esperança, sobretudo nos tempos de maior provação.

Ellen White declara claramente que nunca houve um tempo na história da igreja em que esta mensagem não tivesse sido proclamada com um grande senso de urgência. «Os anjos de Deus nas suas mensagens aos homens representam o tempo como muito breve.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 67. A urgência da mensagem diz ao fiel: «Prepara-te! Mantém-te preparado!» «E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo» (1 João 3:3).

Então, porque espera Cristo? «Mas amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco,

não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (2 Pedro 3:8, 9).

Cristo demora porque quando Ele aparecer não haverá mais tempo de arrependimento ou de preparação, embora cada pessoa não preparada suplique por uma nova oportunidade. Todos desejarão então estar preparados. Ao lado de uma igreja numa grande cidade do Leste, li um letrado que dizia: «Arrepende-te agora e evita a precipitação do dia do juízo!» Cada pessoa terá de se arrepender agora ou mais tarde; é só uma questão de tempo. Hoje a justiça é pela fé em Cristo. Mas a tragédia é que quando Ele aparecer os homens buscarão a justiça pelo medo. O pânico e não fé, os conduzirá a uma comunidade de histéricas orações. Mas então será demasiado tarde. O decreto terá sido pronunciado desde a fumegante sala do trono: «Quem é injusto, faça injustiça ainda... quem é santo, seja santificado ainda.» (Apocalipse 22:11). Nessa altura tudo estará selado para a eternidade. Agora Cristo em misericórdia e longanimidade continua a esperar. A mensagem é urgente, mas Ele, na Sua graça, espera.

Uma imoralidade sem precedentes caracteriza a geração da Ceifa. Uma arrepiante podridão de degenerescência moral está corroendo as nações como um cancro. A própria terra está corrompida sob seus habitantes. Os homens dão ouvidos aos espíritos sedutores e doutrinas de demónios e muitos estão perdendo a fé. São influenciados pela filosofia e vãos enganos, encantados com vários movimentos e condescendem com os adquiridos vícios da preguiça e apatia. São os que dizem: «O meu Senhor tarde virá.» Esta situação constitui clara advertência para os que receberam a luz.

Os grandes sinais cósmicos fazem já parte do passado. O último deles, a queda das estrelas, já teve lugar há 140 anos. Só os espiritualmente perceptivos podem agora discernir claramente os sinais precursores do fim e ouvir mais perto os passos do Senhor. Sem esta percepção espiritual, nem mesmo os trovões e relâmpagos do Monte Sinai prenderiam a mente enfatuada pelo prazer e materialismo. Além disso, há ainda «explicações fáceis, lógicas». A criação é pervertida em «evolução»; a Estrela de Belém foi uma simples «conjunção de planetas»; Cristo foi uma figura histórica, mas puramente humana, embora fosse um homem excepcionalmente bom; e Deus é apenas uma «ideia». Tudo isto é explicado à mente carnal em termos fáceis. Mas há todavia uma coisa extraordinária nesta era extraordinária, e isso é uma vida transformada. Quando doutrinas, exortações, leis e dogmas falham, então Deus diz: «Ser-Me-eis testemunhas.»

A Ceifa não é um ser vivo, inteligente. Não sabe sequer o que é uma ceifa. Se não houvesse ceifeiros, a colheita permaneceria no campo sem ser ceifada e seria destruída pelas intempéries invernais. Apodreceria no solo. A colheita é salva pela graça, interesse, sabedoria e trabalho do Senhor da Seara e dos ceifeiros. «A seara é realmente grande, mas os obreiros são poucos» (Mat. 9:37). Oh, há muitos membros de igreja, muitos que professam, mas os obreiros são poucos. Um obreiro é algo mais do que um membro baptizado. É mais do que um teólogo ou evangelista. Um obreiro é uma testemunha eficiente, que leva homens a Jesus através de uma vida cheia de graça e poder. O seu exemplo tem valor real. Demonstra que vive uma vida melhor e torna a verdade atraente. Tal coisa não se pode fingir. A sua fé distingue-o dos outros sem contudo fazer dele um indivíduo estranho. A sua vida e a sua aparência evidenciam a dinâmica do Espírito. Mas, «os obreiros são poucos.»

Uma fé prática

O cristianismo é a fé mais prática que existe, a religião que mais impulsiona os homens à acção. Há dois mandamentos na sua infinita lei: o amor a Deus e o amor ao próximo. Não há nenhuma religião sob o céu tão difícil de seguir, mas não num sentido cerimonial. É uma religião missionária, uma fé evangélica, uma força revolucionária. Vai aos mais sórdidos bairros e penetra no mato do mesmo modo que vai aos mais elegantes subúrbios das grandes cidades. Favorece os guetos como as cidades. Ama os homens e deseja salvá-los. Nunca está satisfeita até ao último homem não estar em paz com Cristo. Considera o seu trabalho inacabado até a última alma não ser advertida. Não apresenta desculpas, embora esta geração da ceifa se expanda em milhões por semanas. Se nós cremos que Cristo vai voltar em breve, então o nosso primeiro trabalho deveria ser preparar-nos e levar os outros a preparar-se para esse grande acontecimento.

Nos dias de Noé o povo não se dava conta dos perturbadores acontecimentos que lhes diziam que estavam condenados. Até a milagrosa procissão dos animais a caminho da arca podia ser atribuída a qualquer fenómeno explicável. O engano do pecado é surpreendente! Se os homens não acreditam em Deus, acreditam então em qualquer coisa por mais fantástica que seja. Não há filosofia demasiado baixa a que não deem hospitalidade. «Mas se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto» (2 Cor. 4:3). Assim, dia após dia no tempo de Noé, os homens seguiam o seu caminho. O sol era benéfico e amável. Não havia sinais de violência a não ser os que provinham dos perversos corações do homem. Não havia trovões e relâmpagos a não ser os fogos da sua incisiva retórica. A música fazia-se ouvir e o riso era fácil. A porta da arca fechou-se com estrondo dificilmente perceptível com o ruído da imprudente hilaridade. Então passaram mais sete dias — sete dias normais, sem acontecimentos fora do vulgar, com casamentos e divórcios, festas e orgias de vício e luxúria. Continuava a haver negócios como habitualmente até aquele dia final, quando negras nuvens de tempestade desabaram a sua carga de chuva que caiu em cataratas sobre a terra, acompanhada de trovões e relâmpagos e rompendo as fontes da terra. Os relâmpagos fizeram a sua aparição cósmica, relampejando um código de ira e jorros de água foram derramados no dia da ira do Senhor. Era o dia das coisas finais. Mas, começara como um dia vulgar.

«Assim será na vinda do Filho do homem.» A Palavra de Deus é certa, Suas profecias são verdadeiras. Não-de acontecer. No dia final os homens irão tratar dos seus negócios como habitualmente. Os grandes armazéns abrirão. Em fábricas gigantes as lotes armazenados aumentarão e as linhas de produção continuarão a girar; novos carros brilharão nos salões de exposição. As imprensas continuarão a espalhar notícias e anúncios. Os homens arrogantes vangloriar-se-ão. Os políticos farão promessas; os aviões subirão nos ares e grandes navios irão e virão nos mares. O pano levantar-se-á nos teatros, os ladrões violarão as moradias onde não são esperados. As mães arranjaram os lanches escolares para seus filhos e mandá-los-ão à escola. Luxuosas mulheres passearão luxuosos cães, os carros ameaçarão as ruas, os racistas farão alocações, a música soará estrondosamente. Negócios como habitualmente. Então, de repente, termina o tempo de prova. Cristo mete a Sua foice e começa a ceifar. O joio e o trigo são

A MISSÃO DA CEIFA

«Tempo da Ceifa» e «terminação da Obra» fazem parte das mais comuns expressões da fraseologia adventista. Durante os últimos meses nossa atenção e energia se têm concentrado em MISSÃO 73. Mas o que desejaríamos poder dizer é «Missão cumprida». Quando será isso? Qual é realmente o verdadeiro significado da ceifa?

Ceifa é a palavra que Deus usa para falar da obra final da igreja. Ele não tem nenhum outro plano. Pela profecia, parábola e mandamento colocou este objectivo diante do Seu povo. O Senhor tem guiado, tem inspirado, tem protegido e dado poder; mas deixou-nos a nós a obra. Agora é o tempo da ceifa.

Nenhuma outra geração teve tão alto privilégio ou tão elevada responsabilidade. O que espera exactamente Deus de nós? Que espécie de povo espera que sejamos? É importante que vejamos a missão da ceifa como Deus a vê.

Duas inspiradas declarações dão-nos o conceito dividido a respeito da Ceifa.

A primeira encontra-se em S. Mateus 24:14: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.»



separados para sempre — «Estando duas moendo no moinho, será levada uma e deixada outra» (Mat. 24:41).

Quando eu era rapaz e trabalhava no campo, quando chegava o tempo em que a seara estava madura e pronta para ser ceifada, vinha uma grande máquina e começava a rodar com suas ruidosas lâminas, tomando os campos de assalto. Era um momento de grande excitação. A gigantesca roda fazia distinção entre cada haste, trigo ou joio. No seio do coração mecânico da potente ceifeira processava-se uma selecção. O grão doirado era lançado através de dois canais para ser transportado para o abrigo do celeiro, enquanto que a palha e as impurezas e o infrutífero joio eram lançados no solo. Cobras e lagartos e outros animalejos saltavam e corriam pelo campo, expostos à medida que a enorme máquina cortava tudo, descobrindo os sulcos de terra. Não mais haveriam eles de percorrer os campos e devastar o grão. Chegara a época da ceifa. Quando a ceifa terminava era o momento do repouso e da alegria. Quando Deus começar a ceifar, cada pessoa será trazida para o círculo da Sua foice. Os preciosos fiéis serão ajuntados para Ele, os outros serão consignados às chamas.

A segunda é tirada de *Parábolas de Jesus*, p. 69: «Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.»

A proclamação mundial do evangelho e a reprodução do carácter de Jesus no Seu povo — estas duas realizações combinadas, são o que Deus quer dizer ao falar da ceifa do evangelho. A obra não estará terminada até que ambos os objectivos não estejam alcançados. Então Jesus virá.

Estes dois objectivos não são competitivos nem contraditórios. São simultâneos e complementares. Deus viu que seria mais fácil para a igreja completar a ceifa trabalhando ao mesmo tempo nos dois projectos. Do ponto de vista de Deus, a partir da perspectiva divina, constituem um único objectivo — a ceifa do evangelho — visto em duas dimensões: extensão e profundidade.

Ceifa em duas dimensões

Há extraordinária beleza no quadro da ceifa tal como Deus a apresenta. Ele vê-a como o cumprimento do mandamento de Cristo: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura» (Marcos 16:15). A extensão do quadro é tão vasta como o próprio mundo. É uma colheita de pessoas, vindas de todas as raças e nações. Mas Deus vê mais do que o seu número e o facto de virem de todo o mundo. O quadro tem também profundidade. Revela caracteres individuais e estes reflectem o carácter de Cristo.

Uma ilustração muito simples ajudar-nos-á a compreender esta dualidade da ceifa.

Minha mãe foi criada no campo e mesmo após ter-se tornado uma ocupadíssima esposa de pastor, continuava a amar a terra. Tratar de flores era tudo quanto seu escasso tempo lhe permitia. As flores de que ela mais gostava eram os gladiolos. Adquirira algumas variedades premiadas e suas plantas eram sempre objecto de visíveis expressões de admiração por parte dos que as

viam. Mas o que mais me intrigou a mim foi descobrir que ela andava sempre à procura de uma dupla colheita. Ao mesmo tempo que os gladiolos estavam em flor, eles produziam invisivelmente uma colheita de novos bolbos e era esta a colheita que minha mãe tinha em grande apreço — talvez mais do que as flores.

Do mesmo modo o extraordinário plano de Deus para a Sua colheita provê que a expansão do Evangelho e o desenvolvimento do carácter se processem ao mesmo tempo e ao mesmo tempo se constituam mútuo benefício.

Paulo, o primeiro grande missionário dos gentios captou este conceito. O seu método tornou-se o modelo de cada subsequente empreendimento missionário. Paulo avançava e continuava sempre a avançar. Descreveu sua paixão pelas almas como uma incessante força impulsionadora «para anunciar o evangelho nos lugares que estão além de vós» (2 Cor. 10:16). Todavia, simultaneamente, ele tinha também outro objectivo. Dirigiu-se à igreja da Galácia como «Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós» (Gálatas 4:19).

Consideremos mais pormenorizadamente cada uma destas dimensões em que Deus vê a ceifa do evangelho.

A organização da igreja foi estabelecida à volta do conceito da missão mundial. O evangelho a todo o mundo não é um expediente da última hora para lutar com a explosão demográfica dos últimos dias. Deus especificou-o na Sua comissão original aos discípulos: «Ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra» (Actos 1:8).

Mateus 24:14 é um texto surpreendente. Estabelece a medida geográfica para a ceifa. Cuidadosa atenção aos relatórios estatísticos possibilita enumerarmos as línguas e os países em que trabalhamos. Insatisfeitos porque ainda existem algumas fronteiras que atravessar, clamamos a fim de que «a luz» penetre em cada aldeia, cidade, província, ilha e nação ainda em trevas.

A todo o mundo é todavia um alvo ilusório. Enquanto nossos números actuais indicam que penetrámos em quase todos os países, há ainda algumas notáveis excepções. A maior barreira é o isolamento. Nalguns casos é isolamento geográfico. Mas o isolamento ideológico é ainda mais terrível. Em muitos países há bastante tempo penetrados, há agora uma nova geração completa que se eleva a centenas de milhar de indivíduos que, aparentemente, não tiveram

qualquer oportunidade de ouvir a nossa mensagem. Mesmo em lugares que nos estão completamente abertos, a explosão demográfica ultrapassa os nossos mais enérgicos esforços.

De facto há cuidadosos pensadores que seriamente se perguntam se uma conquista total do mundo pelo evangelho é um objectivo realístico. Sugerem uma possibilidade de erro da nossa interpretação das Escrituras e do Espírito de Profecia. Não posso aceitar o seu ponto de vista pessimista. Durante mais de trinta e cinco anos tenho vivido e trabalhado entre os massivos milhões do Oriente. O progresso parecia frequentemente dolorosamente lento. Todavia tenho visto suficientemente o poder milagroso de Deus e a intervenção da Providência para ter completa confiança na certeza da Ceifa final.

Resultados impressionantes

Os resultados até agora relatados são já impressionantes. Até 30 de Junho de 1972 o nosso número de membros era de 2 191 894. Até ao fim de 1971 tínhamos penetrado em 189 países. Uma cuidadosa análise do relatório estatístico indica que estes países em que pelo menos entrámos incluem aproximadamente 98 % da população mundial.

Assim, a missão da Ceifa, tal como aparece em extensão, apresenta uma excitante perspectiva. Com as promessas que Deus deu acerca de um derramamento especial de poder para terminar a ceifa, bem podemos dizer que o fim está à vista.

Será possível que o outro objectivo de Deus, a revelação do carácter de Cristo em Seu povo, seja ainda mais difícil de alcançar?

Numa notável descrição da obra final da igreja, Ellen White inclui esta declaração: «Jesus pousa para ser retratado em cada discípulo». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 613. A Escritura di-lo do seguinte modo: «Assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi» (Mal. 3:3).

O ourives dos tempos bíblicos sentava-se diante do fogo aquecendo o minério até se tornar uma massa fundida. As impurezas vinham ao de cima e eram retiradas. Atendendo pacientemente o lume e retirando a escória, ele debruçava-se sobre o metal que se ia refinando e olhava para a superfície. Finalmente, depois de removidas todas as impurezas, o brilhante líquido de prata desenvolvia com a claridade de um espelho a sua própria imagem.

O plano de Deus é que ambas as fases da ceifa se processem em conjunto. Quanto mais o nosso carácter se assemelhar ao de Jesus, tanto mais eficiente será o nosso trabalho.

Eis os resultados que podemos esperar:

1. Os desvios do pecado serão eliminados. É extraordinário quanta perturbação causa o pecado, além da própria culpa em si. Qualquer que tenha lutado com um fardo de remorso sabe quão seriamente isso desvia a atenção do trabalho a ser feito. A paz mental restaura o nosso poder de concentração. Além disso, dado que o pecado é um ladrão de tempo, quando ele se elimina de nossas vidas, nossa capacidade de boas obras aumenta.

2. A vitória pessoal será visível para outros. Ninguém é tão atraente como aquele cujos desfiguramentos de carácter foram substituídos pela beleza da semelhança de Cristo. Isto exerce um apelo magnético. Aqueles que encontramos em negócios e convívio social desejariam ter esse algo especial que vêm em nós. Esta visível transformação de carácter autentifica a nossa mensagem.

3. Partilharemos a urgência de Cristo pela Ceifa. Jesus disse: «Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia» (João 9:4). Quando possuímos o Seu carácter, partilharemos a Sua convicção. Haverá total integridade na moralidade. A entrega será sem reservas.

Ambas as dimensões completadas

Esta é a incomparável provisão de Deus. Ao reflectirmos o carácter de Cristo, tornamo-nos desejosos de participar na missão da Ceifa. Ao participarmos, vamos reflectindo cada vez mais o Seu carácter. Assim como a ceifa não está completa até nossos caracteres não serem transformados, também nossa transformação de carácter não está completa até não participarmos da Ceifa.

Lembra-vos do jovem rico. Era um jovem fora do vulgar. A sua integridade nunca fora posta em dúvida. Mas faltava-lhe uma coisa. Nunca participara pessoalmente na missão de Cristo. «Vai», disse-lhe Jesus, «toma a tua cruz e segue-me» (Marcos 10:21).

A participação pessoal desenvolve o carácter.

Em primeiro lugar, produz humildade. Reconhecemos a nossa ineficiência pessoal ao vermos a imensidade da tarefa. Aterrados pela responsabilidade, perguntamos:

«Porque fui eu escolhido?» A necessidade total leva-nos a confiar em Deus, a d'Ele depender inteiramente.

Seguidamente, nossa participação desenvolve a coragem. O êxito após repetido fracasso endurece o músculo espiritual. Esperar por Deus desenvolve a paciência e a confiança na direcção divina.

Descobrimos, depois, que a Ceifa são pessoas. Pessoas têm problemas. Problemas clamam por auxílio. Isto ensina a compaixão.

Finalmente, o processo de prova e erro, descobrindo como raciocinar de causa para efeito forma um bom julgamento e faz um cristão equilibrado.

Tal é o processo de refinamento. Somente quando participamos no programa de Cristo encontra Ele em nós a verdadeira reflexão do Seu carácter.

Ellen White diz: «Em cada um tem de se manifestar ao mundo o longânimo amor de Jesus, a Sua santidade, mansidão, misericórdia e verdade.

«Os primeiros discípulos saíram pregando a palavra. Revelaram Jesus na sua vida. E o Senhor andava com eles... Estes discípulos prepararam-se para a obra. Antes do dia de Pentecostes reuniram-se e tiraram dentre eles todas as desinteligências. Estavam de um mesmo sentimento. Acreditavam na promessa de Jesus, de que seria dada a bênção, e oravam com fé. Não pediam a bênção apenas para si; estavam preocupados com a responsabilidade quanto à salvação das almas. O evangelho devia ser levado até aos confins da terra, e eles reclamavam a doação do poder que Jesus prometera. Foi então que se derramou o Espírito Santo, e milhares se converteram num dia.

«Assim pode ser agora. Em vez das especulações dos homens, seja pregada a Palavra de Deus. Tirem os cristãos do seu meio as dissensões, e entreguem-se a si mesmos a Deus para salvação dos perdidos. Peçam a bênção com fé, e ela há-de vir. O derramamento do Espírito, nos dias apostólicos, foi a «chuva temporã», e glorioso foi o resultado. Mas a «chuva serôdia» será mais abundante». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 613.

Esta é a missão da Ceifa. É intensivamente pessoal. Não é uma igreja ou o mundo que são salvos. São pessoas, uma a uma.

Vós fazeis parte da Ceifa. Tem o carácter de Cristo sido reproduzido em vós?

Vós tendes uma parte na Ceifa. Estais fazendo a vossa parte?

A vossa resposta ajudará a determinar quão brevemente Jesus virá.

A SENHOR DA CEIFA

Há alguns meses assisti a uma reunião de um grupo de jovens que se reunira para estudar as Escrituras. No decurso da discussão e estudo começaram a vir à superfície diferenças de conceitos. Finalmente um dos rapazes disse-me: «Irmão, eu amo a meu Senhor e não preciso da lei. Vós, os mais velhos, dão-me a ideia que a pessoa de Cristo vos deixa indiferentes e não O amais. Não expressais o vosso amor abertamente como nós, jovens, o fazemos. Dais a ideia de que a vossa religião é legalista. Talvez ameis a Deus, mas não vemos actos que o demonstrem».

Será possível que os mais velhos na fé tenham sido negligentes em meditar sobre o amor e bondade de nosso Senhor a ponto de suas vidas terem falhado em reflectir os pormenores de uma experiência cristã baseada na lei tenha por vezes ofuscado o seu amor e admiração íntimos pelo Senhor da Ceifa. Poderá ter acontecido que o seu anelo pela vinda do Senhor da Ceifa tenha diminuído por causa da demora a ponto de a demonstração de sua radiante religião se ter obscurecido? Tem a preocupação de «Trabalhai até que eu venha» manchado a sua visão da proximidade e glória da vinda do Senhor da Ceifa e do grande sacrifício que Ele fez para os redimir?

É tão fácil que as coisas da terra eclipssem o céu! O que proclama a ceifa e a vinda do Senhor da Ceifa não se deve desviar ou demorar para falar e conversar acerca de coisas de menor importância enquanto assuntos de vital importância clamam pela sua atenção.

Os que estão familiarizados com o Senhor da Ceifa têm uma grave responsabilidade. Alguém disse que «a responsabilidade é a outra face do privilégio». Que privilégio é conhecer o Senhor da Ceifa! Que responsabilidade irradiar esse conhecimento, esse amor e esse poder, esse senso de urgência para salvar!

Aquele que proclama a vinda do Senhor da Ceifa precisa de óleo na sua lâmpada. Um teólogo checo disse: «O cristão de hoje tem luz, mas não tem calor. O materialista tem calor mas não tem luz.» Nós que conhecemos a nosso Senhor teremos certamente luz e calor.

Talvez que aquele jovem tivesse razão. Perguntemos a nós próprios se o radioso amor de Cristo brilha realmente na nossa maneira de viver, nos nossos rostos e nas nossas actividades quotidianas. Creio que nunca poderemos apreciar plenamente os sacrifícios consentidos por Deus e Seu Filho para redimir a humanidade perdida. Escutai as palavras inspiradas: «Cristo veio à terra tomando a humanidade e tomando lugar como representante do homem, para mostrar a controvérsia com Satanás que o homem, tal como Deus o criou, unido ao Pai e ao Filho podia obedecer a todos os requisitos divinos.» — *Ellen G. White in Signs of the Times*, 9 de Junho de 1898.

Reconheço que o mistério da encarnação é um desafio para a mais profunda inteligência humana. É um mistério que sem dúvida estudaremos bastante ao herdarmos o reino dos céus e ao nos

sentarmos aos pés do Grande Mestre. Talvez que só então compreendamos não só o mistério de Jesus ter tomado a forma humana, mas o grande amor que o impeliu ao sacrifício.

Para Cristo enfrentar o desafio do pecado precisava de vencer onde o homem caíra. Na sua pureza edénica o homem falhara em ser obediente aos reclamos divinos. Satanás acusava Deus de esperar o impossível de Suas criaturas humanas. Cristo veio à terra como resposta a essa acusação. Era a resposta de Deus ao dilema do pecado. Cristo devia erguer-se onde o homem caíra para reivindicar a justiça dos reclamos de Deus. Notai novamente as palavras da serva do Senhor: «Cristo deixou a Sua posição nos cortes celestiais e veio a esta terra viver a vida dos seres humanos. Este sacrifício Ele o fez para mostrar que a acusação de Satanás contra Deus é falsa — que é possível ao homem obedecer às leis do reino de Deus.» — *The SDA Bible Commentary. Ellen G. White Comments on John 1:1-3*, p. 1129.

«Vestido das vestes da humanidade, o Filho de Deus baixou ao nível daqueles que desejava salvar ... Revestindo a Sua divindade com a humanidade, para que se pudesse associar com a humanidade caída, Ele buscou recuperar para o homem aquilo que pela desobediência Adão perdera para si e para o mundo.» — *Ellen G. White in Review and Herald*, 15 de Dezembro de 1896.

Quão maravilhoso foi o Seu amor que fez com que deixasse de lado o Seu poder real, as Suas vestes reais, a Sua autoridade sobre o céu e a terra, para baixar a este mundo revestindo a Sua divindade com a humanidade. Tornou-Se como um de nós para que o Seu carácter e a Sua vida se pudessem tornar poder redentor para todos os perdidos. A mente humana não pode captar completamente aimensidade deste amor nem compreender a companxão que impeliu a tão incomensurável dom.

«O único plano que se poderia idear para salvar a raça humana era aquele que requeria a encarnação, humilhação e crucifixão do Filho de Deus, a Majestade do Céu. Depois do plano da salvação ter sido estabelecido, Satanás não teria terreno algum sobre que basear a sua acusação de que Deus, um ser tão grandioso, não Se importava nada com uma criatura tão insignificante como o homem.» — *Ellen G. White, in Signs of the Times*, 20 de Janeiro de 1890.

Divindade e Humanidade Unidas

Está para além do nosso entendimento e capacidade, compreender como a divindade e a humanidade se podem unir e combinar na pessoa de Jesus Cristo. Esta grande maravilha é expressa nas seguintes palavras:

«Em Cristo a divindade e a humanidade estavam combinadas. A divindade não se degradava à humanidade; a divindade ocupava o seu lugar, mas a humanidade por estar unida à divindade, resistiu à mais severa prova de tentação no deserto. O

príncipe deste mundo veio ter com Cristo após o Seu longo jejum e quando Ele Se encontrava com fome sugeriu que mandasse às pedras para se transformarem em pão. Mas o plano de Deus, estabelecido para a salvação do homem «provia que Cristo deveria conhecer a fome e a pobreza e cada fase da experiência humana.» — *Ellen G. White in Review and Herald*, 18 de Fevereiro de 1890.

«Embora mais elevado do que qualquer dos anjos, embora tão grande como o Pai no trono do Céu, Ele tornou-Se um conosco. N'Ele Deus e o homem tornaram-se um e é neste facto que reside a esperança para a nossa raça caída. Olhando para Cristo na carne, olhamos para Deus em humanidade, e vemo-l'O no brilho da glória divina, a expressa imagem de Deus o Pai.» — *Ellen G. White in Youth's Instructor*, 21 de Novembro de 1895.

O Filho de Deus aceitou voluntariamente a Sua parte de humilhação e morte para redimir as Suas criaturas. Quando se considera como Cristo Se tornou o representante do homem, dificilmente se compreende esta gloriosa realidade. Nenhuma pena humana pode descrever adequadamente as bênçãos, as maravilhas e os benefícios trazidos à humanidade através da encarnação.

Ellen White declarou: «Que extremos se encontram e são revelados na pessoa de Cristo! O poderoso Deus e todavia uma indefesa criancinha! O Criador de todo o mundo e todavia, num mundo que era obra Sua, frequentemente faminto e fatigado e sem um lugar para descansar a cabeça! O Filho do Homem, e todavia infinitamente mais elevado do que os anjos! Igual ao Pai e todavia a Sua divindade estava revestida com a humanidade, permanecendo como representante da raça caída, a fim de que seres humanos pudessem ser colocados em posição vantajosa! Possuindo riquezas eternas e todavia vivendo a vida de um homem pobre! Um com o Pai em dignidade e poder e todavia na Sua humanidade tentado em todos os pontos como nós somos tentados! No próprio momento da Sua agonia de morte na cruz um Conquistador respondendo ao pedido de um pecador arrependido para que Se lembrasse dele quando entrasse no Seu reino.» — *Signs of the Times*, 26 de Abril de 1905.

Há uma tendência por parte de alguns em minimizar as tentações de Jesus e a luta por Ele travada ao assegurar a redenção do homem. Mas Cristo venceu realmente onde o homem falhou: «Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas da sua degradação.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 82.

«Cristo, que não conheceu a mínima mancha de pecado ou corrupção, tomou a nossa natureza na sua deteriorada condição. Esta foi humilhação maior do que o homem finito pode compreender. Deus manifestou-Se na carne. Humilhou-Se a Si mesmo. Que tema para o pensamento, para fervorosa e profunda meditação! Tão infinitamente elevado, que era a Majestade do Céu, e todavia baixou-Se tanto sem perder um átomo da Sua dignidade e glória! Baixou-Se à pobreza e a profunda humilhação entre os homens.» — *Ellen G. White in Signs of the Times*, 9 de Junho de 1898.

Durante muitos séculos Satanás tem procurado destruir o próprio centro da encarnação. Desde que o Salvador voluntariamente aceitou a cruz, o grande inimigo das almas tem-se esforçado por aniquilar a verdade básica fundamental do processo da redenção. Tem inventado muitas teorias designadas para anular o poder da encarnação. «O poder da natureza divina do Salvador estava escondido. Ele venceu na natureza humana, con-

fiando em Deus para receber poder.» — *Ellen G. White in Youth's Instructor*, 25 de Abril de 1901.

«O Rei da glória propôs-Se humilhar-Se mesmo até à caída humanidade. Ele colocaria Seus pés nos passos de Adão. Tomaria a natureza caída do homem e Se comprometeria a lutar com o forte inimigo que triunfara sobre Adão. Venceria Satanás e assim abriria o caminho para a redenção de todos os que n'Ele crêem.» — *The SDA Bible Commentary, Ellen Whit eComments on Gen. 3:15*, p. 1085.

Como substituto do homem, Cristo não manifestou o Seu poder como Filho de Deus.

Nenhum Milagre em Seu próprio Benefício

«Não fazia parte da missão de Cristo exercer Seu poder divino em Seu próprio benefício, livrando-Se do sofrimento. Este Ele Se dispôs voluntariamente a tomar sobre Si. Condescendera em tomar na tureza do homem, e devia sofrer os inconvenientes, e doenças e aflições da família humana. Não devia operar milagres por Sua própria conta. Veio para salvar outros. O objectivo de Sua missão era trazer bênçãos, e esperança e vida aos aflitos e oprimidos. Devia levar as cargas e penas da humanidade sofredora.» — *Mensagens Selectas*, livro 1, pp. 276, 277.

«O Salvador do mundo tornou-Se pecado pela raça humana. Tornando-Se substituto do homem, não manifestou Cristo Seu poder como Filho de Deus. Classificou-Se entre os filhos dos homens. Devia como homem suportar a prova da tentação, em favor do homem, sob as circunstâncias mais probantes, e deixar um exemplo de fé e perfeita confiança em Seu Pai celestial.» — *Ibid.*, p. 278.

É novamente as palavras de inspiração:

«Por isso que o homem caído não podia vencer a Satanás com sua força humana, veio Cristo das cortes reais do Céu para ajudá-lo com Sua força humana e divina combinadas. Cristo sabia que Adão, no Éden, com suas superiores vantagens, poderia ter resistido às tentações de Satanás, vencendo-o. Sabia também que não era possível ao homem, fora do Éden, separado, desde a queda, da luz e do amor de Deus, resistir em suas próprias forças às tentações de Satanás. A fim de conceder esperança ao homem e salvá-lo da ruína completa, humilhou-Se, tomando a natureza do homem para que, com Seu poder divino combinado com o humano pudesse Ele alcançar o homem onde se acha. Obtém Ele para os caídos filhos e filhas de Adão aquela força que é impossível obterem por si mesmos, a fim de que em Seu nome possam vencer as tentações de Satanás.» — *Ibid.*, p. 279.

«Na expiação foi feita completa justiça. Em lugar do pecador, o imaculado Filho de Deus recebe o castigo e o pecador é deixado livre enquanto recebe e mantém a Cristo como seu Salvador pessoal. Embora culpado, é olhado como inocente. Cristo cumpriu cada requisito exigido pela justiça.» — *Ellen G. White, in The Yorth's Instructor*, 25 de Abril de 1901.

Oh que maravilhoso Redentor! Que Salvador! Dwight L. Moody procurou descrever Cristo nestas belas palavras:

«Para muitos Jesus Cristo é apenas um motivo magistral para um quadro, um assunto heróico para a pena, uma bela forma para uma estátua ou um tema para uma canção. Mas para aqueles que ouviram a sua voz, que sentiram o Seu perdão, que receberam a Sua bênção, Ele é música, calor, luz, alegria, esperança e salvação, um Amigo que nunca nos abandona, que nos eleva quando os outros procuram abater-nos. Não O poderíamos cansar; confiamos-Lhe todos os nossos pesares e problemas. Ele está sempre pronto a ajudar-

A VIDA QUE APRESSA A CEIFA

«*Havendo pois de parecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade?*» (2 Pedro 3:11).

Esta pergunta é muito mais eficaz quando considerada na *primeira pessoa do singular*. «Que pessoa *me* convém ser?» Aplique cada um de nós este versículo a si próprio e faça as seguintes perguntas:

Que pessoa deve ser um homem, ou uma mulher, Adventista do Sétimo Dia há vinte, dez, cinco ou dois anos?

Que espécie de pessoa deve ser um jovem Adventista do Sétimo Dia que tem tido o privilégio de participar da Escola Sabatina e da Sociedade MV, de receber uma educação cristã e a influência de um lar cristão?

Que espécie de pessoa deve ser um dirigente Adventista do Sétimo Dia, um pastor, um ancião de igreja, diácono, diaconisa, director da Escola Sabatina ou Líder MV?

Que espécie de pessoa tem Deus o direito de esperar que ele seja? Que espécie de pessoa tem a igreja o direito de esperar que ele seja? Que espécie de pessoa tem o mundo o direito de esperar que ele seja?

Para tornar a pergunta ainda mais inci-



-nos; está sempre pronto a erguer-nos. Dirige-Se a nós sempre com o mesmo amor; derrama sobre nós o mesmo sorriso; compadece-Se de nós com a mesma compaixão. Não há nome como o Seu. É mais inspirador do que o de César, mais musical do que o de Beethoven, mais conquistador do que o de Napoleão, mais eloquente do que o de Demóstenes, mais paciente do que o de Linclon. O nome de Jesus palpita em toda a vida, vibra em todo o infortúnio, embalsama todas as dores, paira em todo o amor. A Sua respiração é carregada de perfume. Quem, como Jesus, pode compadecer-Se do órfão sem lar? Quem, como Jesus, pode dar as boas-vindas ao filho pródigo quando este volta ao lar? Quem, como Jesus, pode tornar sóbrio um bêbado? Quem, como Jesus, pode iluminar um cemitério rasgado de túmulos? Quem, como Jesus, pode fazer de uma mulher perdida uma rainha para Deus? Quem, como Jesus, pode carinhosamente desfazer os nossos pesares?»

Preparemo-nos para a volta do Senhor da Ceifa aceitando o dom da Sua vida sem pecado. Regozijamo-nos e alegremo-nos de todo o coração pela provisão feita em nosso favor e reflitamos um radioso amor para o mundo ao nosso redor.

siva, pensemos nos adjectivos que se poderiam usar na resposta: santa, semelhante a Cristo, consagrada, boa, amável, gentil, honesta, sincera, fervorosa, pura, justa, cheia do Espírito Santo! E poderíamos encontrar muitos mais!

Sou eu essa espécie de pessoa?

«Que pessoa vos convém ser em santo trato e piedade?» A palavra trato como é usada no Novo Testamento, não quer apenas dizer «comunicação falada». Significa «maneira de viver», «modo de vida». O cristianismo não é apenas um credo — é um modo de viver! Isto é especialmente verdade na espécie de cristianismo que apresentamos ao mundo num tempo em que tudo ao nosso redor está em vias de dissolução.

A pergunta indica que a nossa maneira de viver é muito importante para Deus. (Porque não nos esqueçamos que é Jesus e não Pedro quem faz a pergunta!) A Bíblia está repleta de perguntas de Deus ao homem. A primeira encontra-se relatada em Génesis 3:9 quando é feita a Adão e Eva a pergunta: «Onde estás?» E uma das últimas perguntas de Deus ao homem é esta que se encontra em 2 Pedro 3:11. É uma pergunta que Deus dirige aos Adventistas do Sétimo Dia — àqueles que vivem na expectativa de que esta terra em breve, muito em breve, vai parecer. Deus tem certamente o direito de esperar que a nossa maneira de viver corresponda à urgência da hora em que estamos vivendo!

Na nossa época ouvimos frequentemente dizer: «A minha vida particular só a mim me diz respeito». É uma espécie de atitude que divorcia a vida profissional ou pública da vida pessoal, privada. Por outras palavras, o homem que eu sou como político, advogado, médico, professor, comerciante, operário, é tudo quanto diz respeito ao mundo exterior. A espécie de vida que eu levo quando estou fora do trabalho, ninguém tem nada com isso. Mas isso nunca pode acontecer com um cristão! A pergunta de Deus penetra profundamente até aos mais íntimos pormenores das nossas vidas particulares. Quando Ele pergunta: «Que espécie de vida deve viver uma pessoa à beira da eternidade?» Ele pergunta:

Que espécie de vida doméstica deve viver tal pessoa?

Que espécie de vida mental?

Que espécie de vida social?

Que espécie de vida recreativa?

Que espécie de vida profissional?

Que espécie de vida na comunidade?

Que espécie de vida pessoal?

Que espécie de vida de oração?

Que espécie de vida de leitura?

Que espécie de vida no que respeita à música que ouve?

Que espécie de vida no que respeita aos programas de TV a que assiste?

Que espécie de vida no que diz respeito ao comer e ao beber?

Que espécie de vida sentimental?

Que espécie de vida no que concerne o gastar dinheiro?

Que espécie de vida de testemunho?

Que espécie de vida no que respeita a mordomia?

Que espécie de vida *total*?

A pergunta de Deus, ao relacionar-se com cada esfera da minha vida, leva-me a examinar que espécie de marido ou esposa eu devo ser; que espécie de pai ou mãe; que espécie de filho ou filha; que espécie de professor ou estudante; que espécie de pregador ou membro; que espécie de operário ou lavrador; que espécie de vizinho ou cidadão, que espécie de patrão ou empregado; que espécie de condutor na estrada; que espécie de cliente ou fornecedor; que espécie de pagador de impostos, de dizimista, ou mordomo; que espécie de observador do Sábado; que espécie de obreiro missionário!

A pergunta: «Que espécie de pessoas devemos ser?» acompanha-nos à igreja, à escola, ao trabalho, ao campo de jogos, aos nossos lares, às nossas salas de estar, às nossas casas de jantar, aos nossos quartos, às nossas salas de TV, às nossas garagens. Segue-nos na estrada. Vai connosco de férias. Acompanha-nos de perto nos nossos encontros e nos nossos passeios. Para nos perseguir? Para nos tirar a alegria? Não! para nos elevar! Para despertar em nós a disposição de viver no mais elevado nível de pensamento, comunicação e acção. Procura constantemente suscitar dentro de nós a resposta: A melhor e mais elevada maneira de viver é aquela que devo viver.

Ideal Inacessível?

Tal padrão de elevado e santo viver será impossível de alcançar? Satanás quer que pensemos que assim é! Mas Deus não nos chamou para sermos anões. Chamou-nos

para a mais completa medida de estatura espiritual. Diz-nos isso claramente na Sua Palavra. «Mas como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver» (1 Pedro 1:15). «Até que todos cheguemos... a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (Efésios 4:13).

Não está em nós alcançar este ideal, mas não precisamos de depender dos nossos próprios recursos. Todos os inesgotáveis recursos da onipotência se encontram à nossa disposição em Jesus Cristo, através de Quem podemos experimentar gloriosamente o cumprimento do nosso elevado chamado. «A quem anunciamos, admoestando a todo o homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo», diz-nos o intrépido apóstolo Paulo em Colocenses 1:28, e no versículo seguinte continua: «E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que obra em mim poderosamente». «Como também nos elegeu n'Ele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante d'Ele em caridade» (Efésios 1:4).

Santos e irrepreensíveis! Como pode isso ser humanamente possível? Não o é. Mas é divinamente possível se nos submetemos ao domínio do Espírito Santo e Lhe permitirmos fazer a Sua obra em nossas vidas.

Um vagão de caminho de ferro não tem poder para se mover nem sequer um centímetro ao longo dos carris. Mesmo sacudindo-se ou esticando os seus músculos de aço, jamais poderia movimentar-se. A sua única esperança de movimento reside em ser ligado a uma poderosa locomotiva, que possui a energia necessária para mover o vagão de mercadorias. Enquanto permanecer ligado à locomotiva, pode viajar a qualquer velocidade a que a locomotiva se mova e escalar as rampas que ela escalar. Através dessa associação o poder da locomotiva é de facto transferido para o vagão. Mas desligado torna-se imediatamente tão imóvel e inerte quanto estava antes. O mesmo acontece quando recebemos poder para viver a vida cristã através da união com Deus, a fonte de todo o poder, através de Jesus Cristo.

«Cristo veio em forma humana para mostrar aos habitantes dos mundos não caídos e do mundo caído, que amplas providências foram tomadas para habilitar os seres humanos a viverem em lealdade com seu Criador». — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 227.

«Resistiu Ele à tentação, mediante o poder que o homem também pode possuir. Apoiou-Se no trono de Deus, e não existe

homem ou mulher que não possa ter acesso ao mesmo auxílio, pela fé em Deus... não vive uma alma que não possa chamar o auxílio do Céu, quando tentada e provada. Cristo veio para revelar a fonte de Seu poder, a fim de que o homem não confiasse jamais em suas capacidades humanas desajudadas... É possível aos homens ter poder para resistir ao mal — poder que... os colocará onde alcançarem vencer, como Cristo venceu». — *Ibid.*, p. 409.

«A lei requer justiça — vida justa, carácter perfeito; e isso não tem o homem para dar. Não pode satisfazer as reivindicações da santa lei divina. Mas Jesus, vindo à terra como homem, viveu vida santa, e desenvolveu carácter perfeito. Estes oferece Ele como dom gratuito a todos quantos o queiram receber... Jesus comunica-lhes os atributos divinos. Forma o carácter humano segundo a semelhança do carácter de Deus, uma esplêndida estrutura de força e beleza espiritual. Assim a própria justiça da lei cumpre-se no crente em Jesus. Deus pode ser 'justo e justificador daquele que tem fé em Jesus'». — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 568.

«Cristo veio a este mundo e viveu a lei de Deus a fim de que o homem pudesse ter perfeito domínio sobre as naturais inclinações que corrompem a alma. Médico da alma e do corpo, Ele dá a vitória sobre as concupiscências em luta no íntimo. Proveu toda facilidade para que o homem possa possuir inteireza de carácter». — *A Ciência do Bom Viver*, pp. 130, 131.

«Ninguém precisa deixar de alcançar em sua esfera a perfeição do carácter cristão. Pelo sacrifício de Cristo, foi tomada providência para que o crente receba todas as coisas que dizem respeito à vida e piedade. Deus nos convida a alcançarmos a norma da perfeição e põe diante de nós o exemplo do carácter de Cristo. O Salvador mostrou, por meio de Sua humildade aperfeiçoada por uma vida de constante resistência ao mal, que, com a cooperação da Divindade, podem os seres humanos alcançar nesta vida a perfeição de carácter. Esta é a certeza que Deus nos dá de que também nós podemos alcançar a vitória completa...

«Por si mesmo é o homem absolutamente incapaz de alcançar esta condição. A santidade que a Palavra de Deus declara dever ele possuir antes que possa ser salvo, é o resultado da operação da divina graça, ao submeter-se à disciplina e restritivas influências do Espírito de verdade. A obediência do homem só pode ser aperfeiçoada pelo incenso da justiça de Cristo, o qual enche com a divina fragrância cada acto de obediência. A parte do cristão é perseverar em vencer cada falta. Constantemente deve

orar para que o Salvador sare os distúrbios de sua alma enferma do pecado. Ele não tem a sabedoria ou a força para vencer; isso pertence ao Senhor, e Ele os outorga a todos os que em humildade e contrição d'Ele buscam auxílio.» — *Actos dos Apóstolos*, pp. 531, 532.

Sentis, ao ler estas preciosas promessas, que gostaríeis que isso fosse possível na vossa vida, mas conhecendo as vossas fraquezas, pensais que está completamente fora de hipótese no que vos diz respeito? Se assim pensais, então as linhas seguintes foram escritas especialmente para vós.

Escrevei-as numa folha da vossa Bíblia. Aprendei-as de cor.

E que o maravilhoso Espírito de Deus as escreva nas tábuas do vosso coração:

«Coisa alguma é aparentemente mais desamparada e na realidade mais invencível, do que a alma que sente o seu nada, e confia inteiramente nos méritos do Salvador. Pela oração, pelo estudo da Sua Palavra, pela fé em Sua constante presença, a mais fraca das criaturas humanas pode viver em contacto com o Cristo vivo e Ele a segurará com mão que nunca a soltará.» — *A Ciência do Bom Viver*, p. 182.

É esta, portanto, querido companheiro de peregrinação, a mais elevada vocação a que somos chamados. Deus não nos chamou para trocar de nós! Ele ama-nos e tem planos para fazer de nós testemunhas do Seu poder salvador perante todo o universo. Pode salvar pessoas como vós e eu e habilitá-las a habitar na Sua presença. Quanto maior for a degradação de que nos salvou, tanto maior será a glória que redundará para o Seu nome pelas inextinguíveis riquezas da Sua graça. Confiemos na Sua Palavra. Confiemos em que cumprirá o que prometeu! «E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará» (1 Tess. 5:23, 24).

«Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a reflectir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrificio por nós, nossa confiança n'Ele será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu espírito. Se nos queremos salvar afinal, teremos de aprender a lição de arrependimento e humilhação aos pés da cruz.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 83.

A SACUDIDURA E A CEIFA

Todos nós gostaríamos de ver uma igreja composta por genuínos cristãos, sem qualquer mácula, e que reflectissem a perfeita imagem de Cristo. Gostaríamos que nossos ministros fossem portapalavras de Deus, homens cujo pensamento, palavra e acção representasse condignamente o Senhor. Gostaríamos de ver cada ministro ter o senso da sua responsabilidade como pastor do rebanho de Deus e como sentinela nos muros de Sião, sempre prontos a fazer soar o alarme à aproximação do inimigo; gostaríamos de ver ministros cujos sentidos espirituais não estejam entorpecidos, mas que, mediante constante comunhão, sejam capazes de discernir qualquer perigo e com amor, paciência e santa intrepidez advertir o povo.

Gostaríamos de ver em cada membro de igreja um verdadeiro cristão, possuindo um carácter «sem mácula nem ruga». Não gostaríamos de ver na nossa igreja qualquer membro impuro, ambicioso, amante do mundo, orgulhoso, egoísta, maldiciente, sem fé, crítico dos irmãos ou dos dirigentes, que não sinta alegria em dar ou não seja caridoso para com os fracos. Se tal é o nosso ideal para a igreja, então é esplêndido. Deus tem também o mesmo ideal. Mas, se a igreja fosse constituída por pessoas irrepreensíveis, estaríamos nós, vós que sois membros e eu que sou pastor, dentro da igreja? Se todos os pastores e leigos não santificados tivessem sido joeirados e só tivessem ficado aqueles cujo carácter é sem mácula nem ruga, onde estaríeis vós e eu? Estaríamos entre esses poucos nobres que se submeteram à vontade de Deus e entregaram os seus corações à soberania do amor?

Haverá um joeiramento

Haverá um joeiramento. Acerca de Israel, Deus declarou: «Porque eis que darei ordem e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode grão no crivo, sem que caia na terra um só grão» (Amós 9:9). O povo de Deus que vive hoje também há-de ser sacudido. Na realidade o joeiramento já começou a ter lugar e irá aumentando de intensidade.

«Sacudir» e «joeirar» são expressões figuradas que designam uma experiência particular de separação. Cada filho de Deus, individualmente, e a igreja, como um todo, passarão por uma prova especial. A ilustração do joeiramento assemelha a purificação da igreja à obra do lavrador, que, depois de segar o grão e de o debulhar, para separar o grão das hastas (geralmente batendo com um pau, ver Juizes 6:11 e Rute 2:17), empreende o trabalho de joeirar. Isto faz-se geralmente atirando o grão para o ar, contra o vento, com um ancinho (ver Jeremias 4:11, 12). Deste modo a palha partida e as alimpaduras dos cereais são dispersas e o grão cai no solo. Depois deste arejamento, há ainda um processo que falta: o peneiramento. Dado que no processo do joeiramento nem todo o material estranho é tirado, usa-se um crivo (ver Amós 9:9). Deita-se ali o grão e sacode-se

para separar os bocadinhos de terra e outras impurezas do grão. A medida que se sacode o crivo, o trigo bom é retido, ao passo que todas as outras impurezas passam através da rede do crivo. O processo da sacudidura ou peneiramento, separa o bom do mau, o são do impuro.

Uma sacudidura semelhante terá lugar na igreja. Afectará cada indivíduo. Ao mesmo tempo que purificará e fortalecerá alguns, expurgará os fracos e infiéis.

Na parábola das dez virgens, Jesus descreve a sacudidura que terá lugar na igreja no fim dos tempos (Mateus 25:1-13). A experiência destas jovens ilustra «a experiência da igreja que viverá exactamente antes da Sua segunda vinda» (*Parábolas de Jesus*, p. 406). Nesta parábola «todas as dez virgens saíram ao encontro do esposo. Todas tinham lâmpadas e almotolias. Por algum tempo não se notava diferença entre elas. Assim é com a igreja que vive justamente antes da segunda vinda de Cristo. Todos têm conhecimento das Escrituras. Todos ouviram a mensagem da proximidade da volta de Cristo, e confiantemente esperam Sua aparição. Como na parábola, porém, assim é agora. Há um tempo de espera; a fé é provada; e quando se ouvir o clamor 'Aí vem o Esposo, saí-Lhe ao encontro', muitos não estarão preparados. Não têm óleo em seus vasos nem em suas lâmpadas. Estão destituídos do Espírito Santo.» — *Ibid.*, p. 408.

É um quadro trágico. Quem são estes «muitos» que «não estão preparados»? São todos membros de igreja que hoje frequentam as nossas igrejas e participam das suas várias actividades. A parábola refere-se a eles como sendo «virgens loucas». Estão nas bodas, mas não fazem realmente parte das bodas. E o que torna o seu caso tão trágico é que «a classe representada pelas virgens loucas não é hipócrita. Têm consideração pela verdade, advogaram-na, são atraídos aos que creem na verdade, mas não se entregaram à operação do Espírito Santo. Não caíram sobre a rocha, que é Cristo Jesus, e não permitiram que sua velha natureza fosse quebrantada.» — *Ibid.*, p. 411.

Estão tão perto, e todavia tão longe. Estão com os que vencem, e todavia perdem. Quando sobrevém uma crise revela-se o seu verdadeiro carácter. Recusam-se a aprofundar e a exercitar as suas faculdades até ao limite. Esquecem que a instrução da Bíblia é: «Amarás ao Senhor teu Deus de *todo* o teu coração, e de *toda* a tua alma, e de *todas* as tuas forças, e de *todo* o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo» (Lucas 10:27). Amam a Deus apenas com *parte* do seu coração, e *parte* da sua alma, e *parte* das suas forças e *parte* do seu entendimento. Tais pessoas são membros que usam as suas mentes e estudam a Bíblia, mas não cavam profundamente em busca dos seus tesouros escondidos. São membros que esquecem que «a vida é muito curta para ser esbanjada.» (*Ibid.*, p. 342). Desperdiçam momentos preciosos e todavia acham que não têm tempo para testemunhar de Cristo, ou para falar dos preciosos capítulos da sua experiência.

Desrespeitam as regras da saúde e comem e bebem conforme lhes apraz, desperdiçando assim as suas «forças» em vez de as usarem para glória de Deus. Estes são os membros que pensam que os seus donativos podem substituir o trabalho de ganhar almas para Jesus. Ou os membros de igreja que entesouram o seu dinheiro, esquecendo que «o dinheiro não é de mais valor que a areia, a não ser que o empreguemos para prover as necessidades da vida, para bênção dos outros, e para o avançamento da causa de Cristo.» — *Ibid.*, pp. 351 e 352.

Estes são os membros que dão dinheiro para a igreja buscando o prestígio na igreja mais do que a bênção de Deus. São os membros que oram para que Deus os perdõe mas recusam perdoar a seus irmãos. São os membros que ouvem os sermões Sábado após Sábado, mas cujas vidas permanecem na mesma. Não sabem o que significa «as tendências herdadas devem ser banidas por um conflito após outro» (*Ibid.*, p. 331). Estão prontos a criticar os outros mas nunca pensam em se criticar a si próprios e desse modo impedem que «um único traço de carácter desfavorável permaneça sem ser corrigido» (*Ibid.*).

O problema destes membros de igreja é que nunca submetem a sua vontade a Cristo. Oram para «que a Tua vontade se faça» mas seguem o seu próprio desejo. São pobres soldados que enfraquecem o exército de Deus. Lutam mediocrementemente porque recusam compreender que «a batalha que temos a ferir — a maior de quantas já foram travadas pelo homem — é a entrega do próprio eu à vontade de Deus, a sujeição do coração à soberania do amor». — *O Maior Discurso de Cristo*, p. 141.

Na igreja de Deus de hoje há muitos membros destes. «Este é o motivo de a igreja ser tão fraca.» — *Parábolas de Jesus*, p. 341. Há demasiados membros com vontade própria. Pretendem ser parte do corpo de Cristo, mas recusam ser guiados por Cristo, que é a Cabeça da igreja (ver Col. 1:18), que «adquiriu a vontade, as afeições, a mente, a alma de todo o ser humano» (*Ibid.* p. 326). É por esta razão que Deus permitirá que haja uma sacudidura e um peneiramento especiais. A igreja tem de ser purificada. E, oh, quantos serão sacudidos fora! Escutai:

«Logo o povo de Deus será provado por arden-tes provas, e a grande proporção dos que agora parecem genuínos e verdadeiros, demonstrar-se-á metal vil. Em vez de se fortalecerem e confirmarem com a oposição, as ameaças e abusos, tomarão cobardemente o lado dos oponentes.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 2, p. 31.

«O peneiramento de Deus sacode fora multidões como folhas secas. A prosperidade multiplica a massa dos que professam. A adversidade expurga deles a igreja.» — *Ibid.* vol. 1, pp. 478, 479.

«Ministros e povo não estão preparados para o tempo em que vivemos, e quase todos os que professam crer na verdade presente não estão preparados para compreender a obra de preparação para este tempo. No seu presente estado de ambição mundana, com a sua falta de consagração a Deus, a sua devoção ao próprio eu, estão completamente incapacitados de receber a chuva serôdia.» — *Testimonies*, vol. 1, p. 466.

«Muitas estrelas que temos admirado pelo seu brilho serão deixadas fora em trevas. A palha como uma nuvem será levada pelo vento, mesmo de lugares onde vemos apenas campos de rico trigo. Todos os que se arrogam aos ornamentos do santuário, mas não estão vestidos com a justiça de Cristo, aparecerão na vergonha da sua nudez.» *Ibid.* vol. 5, p. 81.

Sacudidos fora

«Segundo o que me foi mostrado, apenas um pequeno número dos que agora professam ... a verdade ... será salvo.» — *Ibid.* vol. 2, p. 445.

«Estandarte após estandarte era arrastado no chão, à medida que grupo após grupo do exército do Senhor se juntava ao inimigo, e tribo após tribo das fileiras do adversário se unia ao povo do Senhor, que guarda os mandamentos.» — *Ibid.* vol. 8, p. 41.

«Quando a lei de Deus for anulada, Sua igreja será peneirada por provas terríveis, e uma proporção maior do que agora podemos prever, dará ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demônios.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 368.

Que triste quadro é ver tantos cobardes abandonarem a seu Mestre e voltarem para o mundo. De facto, «larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que o encontrem» (Mateus 7:13, 14).

«A peneira está sendo sacudida. Não digamos: Retém a Tua mão, ó Senhor. A igreja tem de ser purificada e sê-lo-á.» — *Testimonies*, vol. 1, p. 100. Três acontecimentos particularmente importantes levarão a cabo a obra de separação entre o grão e a palha, o bom e o mau. Primeiro: a crise produzida pela marca da besta. «Não está distante o tempo em que a prova virá a cada alma. Procurarão colocar-nos a marca da besta. Os que passo a passo têm condescendido com as exigências do mundo e se têm conformado com os costumes do mundo, não encontrarão dificuldade em ser dominados pelos poderes em vez de se sujeitarem ao escárnio, insulto, ameaça, prisão e morte. A contestação é entre os mandamentos de Deus e os mandamentos do homem. Neste tempo o ouro será separado da escória na igreja» — *Ibid.*, vol. 5, p. 81.

Segundo acontecimento importante: a pregação da mensagem de Cristo à última igreja provocará uma separação entre os verdadeiros crentes e aqueles que do cristianismo só têm a aparência. «A sacudidura ... era determinada pelo testemunho directo contido no conselho da Testemunha verdadeira à igreja de Laodicéia... Alguns não suportarão esse testemunho directo. Levantar-se-ão contra ele, e isto é o que determinará a sacudidela entre o povo de Deus» — *Primeiros Escritos*, p. 270.

Introdução de falsas teorias

Um terceiro acontecimento importante contribuirá para terminar este peneiramento: a introdução de falsas teorias. «Ao vir a sacudidura, pela introdução de falsas teorias, esses leitores superficiais não ancorados em parte alguma, são como a areia movediça. Escorregam para qualquer posição para agradar a tendência de seus sentimentos de amargura.» — *Testemunhos para Ministros*, p. 112.

Quando a prova nos sobrevier, de que lado desejaremos encontrar-nos? Na igreja ou fora dela? «Se condescendeis com a obstinação de coração, e através do orgulho e justiça própria não confessais as vossas faltas, sereis deixados sujeitos às tentações de Satanás. A multidão de decepções que prevalecerá nestes últimos dias envolver-vos-á e mudareis de Mestre sem vos dardes conta de assim proceder.» — Ellen White in *Review and Herald*, 16 de Dezembro de 1890. «Há uma classe ... que acalenta secretos sentimentos de descontentamento contra os que têm a res-

«A ceifa é o fim do mundo» (Mateus 13:39), disse também Jesus. O Mestre diz-nos: «Quando o fruto se mostra» — quando os vossos caracteres forem perfeitos, a igreja fizer a devida preparação — «a ceifa chegará. Eu cumprirei a promessa do Meu segundo advento».

Evidentemente que isto não significa que Deus vai esperar até que cada um dos Seus filhos esteja preparado. Na parábola das dez virgens, o esposo não esperou que as cinco virgens loucas se fossem abastecer de óleo. À meia-noite ele chegou e as virgens que não estavam preparadas foram deixadas de fora. Como advertência para os que contam com a longaminidade de Deus, Jesus acrescentou: «Vigiai pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir» (cap. 25:13).

Na parábola dos talentos, o Senhor dos servos também não esperou até que o servo com um só talento se decidisse a negociar com o seu talento. Veio quando o homem de um só talento ainda não estava preparado.

Embora seja verdade que na Sua misericórdia Deus tem adiado o dia da volta de Jesus isto não quer dizer que o vai adiar indefinidamente. Segundo a profecia bíblica, iniciar-se-á uma série de acontecimentos que precipitarão rapidamente o fim. «Os movimentos finais serão rápidos». Aqueles que adiam a sua preparação até que venha a crise, podem achar de repente que a sua oportunidade de salvação passou para sempre. Por esta razão, Jesus advertiu: «Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis» (cap. 24:44).

Quer estejamos ou não individualmente preparados, quando Deus, em cujo poder estão os tempos e as estações, decidir que o fim virá, ele virá mesmo. Muitos não estarão preparados nessa altura. As cinco virgens loucas rogaram: «Senhor, Senhor, abre-nos» (cap. 25:11), mas o seu pedido foi recusado. O homem que enterrou o seu talento foi lançado «nas trevas exteriores» (v. 30).

«O mau servo diz no seu coração: 'O meu Senhor tarde virá'. Não diz que Cristo não virá. Não zomba da ideia da Sua segunda vinda. Mas, no seu coração e pelas suas acções e palavras, declara que a vinda do Senhor demora. Afasta da mente dos outros a convicção de que o Senhor está prestes a vir. A sua influência leva os homens a uma presunçosa e negligente demora. São confirmados na sua mundanidade e torpor.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 475.

Como povo de Deus nós não ousamos declarar com os lábios ou com a nossa vida: «O meu Senhor tarde virá».

«Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará» (Hebreus 10:37).

«A volta de Cristo ao nosso mundo não será muito demorada. Seja esta a nota predominante de cada mensagem». — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 12.

Podemos apressar a Sua volta

«Todo o cristão tem o privilégio», escreve Ellen White, «não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la» — *Parábolas de Jesus*, p. 69.

Os Adventistas do Sétimo Dia esperam a volta de Jesus. Nós dizemos que estamos à espera da volta de Jesus. Há mais de um século que estabelecemos planos e programas para pregar a mensagem do último dia de Deus «em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes» (Mateus 24:14).

Planos e programas são bons e necessários. O Senhor espera que façamos a nossa parte na terminação da obra. Mas planos e programas que existam, o mecanismo humano não deve confundir a questão que está verdadeiramente em jogo — o desenvolvimento do carácter — produzindo vidas humanas que revelem os atributos de Jesus Cristo a um mundo descrente. Este é o nosso primeiro e mais importante trabalho.

A glória do Adventismo não está na nossa organização. Não reside no brilho das nossas instituições, nas nossas modernas unidades médicas, nem tão-pouco nos nossos centros representativos de ensino, por mais importantes que sejam. A glória do Adventismo não está nas nossas clínicas de caridade, não está nas nossas colossais e infatigáveis imprensas, nem nos nossos belos santuários. A glória do Adventismo está em Cristo Vivo, brilhando nas vidas dos que aceitaram esta mensagem como sua maneira de viver.

«Quando vier para ser glorificado nos Seus santos» (2 Tess. 1:10). Kenneth Taylor parafraseia assim os versículos 11 e 13: «O nosso Deus fará de vós a espécie de filhos que deseja ter... A vossa maior glória será de Lhe pertencerdes».

Se nós, com o Seu auxílio, nos prepararmos — desenvolvendo caracteres semelhantes ao Seu, com os frutos do Espírito em nossas vidas — estaremos realizando em nossas vidas um trabalho que apressará a vinda do Senhor.

Nesta geração final da história da terra Deus deseja ter uma igreja constituída por homens e mulheres semelhantes a Cristo, que reivindicuem a Sua Palavra e a Sua vontade. Ele apresentará então a Seu Pai

e aos seres não caídos dos outros mundos um povo perfeito em todos os pontos, «sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante» (Efésios 5:27). Somente esses serão «chamados à ceia das bodas do Cordeiro» (Apocalipse 19:9).

«A suprema reivindicação dos caminhos de Cristo terá lugar quando toda a família dos Seus santos estiver reunida. Então o universo verá o valor do Seu sacrifício e o bom êxito da Sua maneira de proceder. Assim o Salvador será glorificado. Tal como o artista é glorificado na sua obra-prima, assim Cristo é glorificado perante a multidão celestial através da obra das Suas mãos — os milagres da Sua graça». — *SDA Bible Commentary*, sobre 2 Tess. 1:10.

O Céu tem de ser um lugar seguro. Depois de Deus purificar este mundo pecaminoso, a rebelião não voltará a surgir. «E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará o caminho dos santos; o imundo não passará por ele» (Isaías 35:8).

Nunca mais haverá guerra no Céu. Nunca mais as sementes do pecado serão semeadas entre os resgatados do Senhor. Os traços de carácter, que custaram a Lucifer o seu lugar no Céu, nunca mais serão encontrados na terra de glória. Aqueles cujos pés andam «no caminho dos santos» serão homens e mulheres que obtiveram completa e final vitória sobre o pecado. Os seus caracteres assemelham-se ao do Grande Exemplo, que tornou possível a presença deles no lugar que lhes preparou. «O imundo não passará por ele». *O Céu será um lugar seguro* porque será habitado por seres seguros, semelhantes a Jesus. Ninguém, além destes, entrará pelas portas de Deus. Ninguém mais se sentirá ali feliz!

Começar o Céu aqui e agora

Andar hoje com Jesus prepara-nos a andar com Ele na eternidade. Podemos começar o Céu aqui e agora. «Dos fiéis seguidores Cristo tem sido companheiro diário, amigo familiar. Viveram em contacto íntimo, em comunhão constante com Deus. A glória de Deus fulgiu sobre eles. Refletiu-se neles a luz do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Agora se regozijam nos raios não ofuscados do esplendor e glória do Rei em Sua majestade. Estão preparados para a comunhão do Céu; pois têm o Céu no coração». — *Parábolas de Jesus*, p. 421.

O Céu será um lugar seguro porque aqueles «que seguem o Cordeiro onde quer que Ele vá» na terra feita de novo, serão os que O seguiram durante a sua vida ter-

restre, os que captaram a beleza do Seu carácter e pela Sua graça se tornaram semelhantes a Ele.

Se o desenvolvimento do carácter por parte do povo de Deus é o factor que está retardando a volta de Cristo, se o Céu não seria um lugar seguro se fosse habitado por pessoas com caracteres imperfeitos, se nós podemos apressar o advento do Salvador através do desenvolvimento de caracteres semelhantes ao de Jesus, importa então compreender o que tudo isso implica.

Há vinte séculos Jesus veio a este mundo na forma humana; Ele «como nós, em tudo foi tentado» (Hebreus 4:15). «Cristo, o esplendor da glória do Pai, veio ao mundo como Sua luz. Veio representar Deus aos homens». — *Parábolas de Jesus*, p. 416. Deus enviou-O para que Ele pudesse revelar o carácter que os remidos devem possuir se quiserem ter parte na ceia e herdar o lugar que Jesus foi preparar para os que O amam. Cristo veio a primeira vez para revelar ao mundo a espécie de povo que levaria consigo para o Céu quando voltasse a segunda vez. Vós e eu temos de saber mais a respeito desta preparação de que carecemos. Isso permitir-nos-á compreender também o reavivamento e reforma que o Senhor diz que tem de haver e haverá entre o povo de Deus antes de Jesus regressar.

Ellen White resume magnificamente o que Deus espera de Seu povo no que respeita à semelhança de Cristo: «A religião de Cristo significa mais do que o perdão dos pecados; significa remover nossos pecados e encher o vácuo com as graças do Espírito Santo. Significa iluminação divina e regozijo em Deus. Significa um coração despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do Evangelho são cumpridas na vida. A aceitação do Salvador traz paz perfeita, perfeito amor, segurança perfeita. A beleza e fragrância do carácter de Cristo manifestadas na vida, testificam de que em verdade Deus enviou o Seu Filho ao mundo para o salvar». — *Ibid.*, pp. 419, 420.

A vida de Cristo inclui o perdão dos pecados, mas é mais do que isso. «Significa remover nossos pecados». Quer dizer, «purifica-nos de toda a injustiça». (1 João 1:9). Significa ainda mais — inclui «encher o vácuo com as graças do Espírito Santo».

«O fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança». (Gálatas 5:22, 23). No Céu tudo será amor, alegria e paz. Não haverá ódio, não haverá mau génio, nenhum conflito, nenhuma violência. Antes

de receberem a sua herança os remidos terão ganho a vitória sobre estes traços de carácter incompatíveis com a semelhança de Jesus.

Os que forem contados com os remidos revelarão, como o Seu Líder, «benignidade, bondade, fé, mansidão», mesmo nesta vida. Seus corações ter-se-ão despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo.

Os pensamentos e actos maus serão removidos porque «prostituição, impureza, lascívia» são «obras da carne» (v. 19). «Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado.»

«Idolatrias, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonerias e coisas semelhantes» serão totalmente vencidas pela graça de Cristo, porque «os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus» (v. 20 e 21).

Há também uma vida de abnegado serviço!

O carácter desenvolvido através do exemplo de Cristo constringirá os filhos de Deus a seguir Aquele que «andou fazendo o bem» (Actos 10:38). Acerca de Sua vida de serviço e do Seu ministério, declarou Jesus: «O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor» (Lucas 4:18, 19).

No tenebroso mundo em que vivemos o serviço activo de Cristo, tal como os mais passivos atributos do Mestre, resplandecerão de nós para aqueles com quem entrarmos em contacto. «Em todo nosso redor ouvem-se os gemidos de um mundo de aflições. Em todos os lados há necessitados e miseráveis da vida.

«O serviço prático será muito mais eficiente do que meramente pregar sermões. Devemos alimentar o faminto, vestir o nu e asilar o desabrigado. E somos chamados para fazer mais do que isto. As necessidades da alma só o amor de Cristo pode satisfazer. Se Cristo em nós habitar, nosso coração estará cheio de simpatia divina. Abrir-se-ão as fontes cerradas do zeloso amor cristão». — *Parábolas de Jesus*, p. 417.

«Muitos há que não têm mais esperança. Dizei-lhes palavras de conforto. Orai por eles. Há os que carecem do pão da vida. Lede-lhes a palavra de Deus. Muitos padecem de uma enfermidade da alma que bálsamo nenhum pode restaurar, médico algum curar. Orai por essas almas, enca-

minhai-as a Jesus. Contai-lhes que há um bálsamo e um Médico em Gilead». — *Ibid.*, p. 418.

Como se aperfeiçoa tal carácter

Rebelamo-nos frequentemente contra os próprios instrumentos que Deus usa para nos habilitar a formar os atributos que reivindicarão o carácter e justiça de Deus — que farão de nós elementos seguros para poderem entrar no Céu. Porque, de facto, o Senhor emprega frequentemente o crisol da prova e do sofrimento para tornar uma alma apta para o Seu reino.

«Para que a prova da vossa fé... se ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo» (1 Pedro 1:7). «Aos anos de negação própria, de privação, de prova, aflição e perseguição que Paulo sofreu, chamou ele um momento. As coisas do tempo presente não eram consideradas dignas de serem mencionadas quando comparadas com o eterno peso de glória que o esperava quando a luta terminasse. Estas mesmas aflições eram servos de Deus, ordenados para o aperfeiçoamento do carácter cristão». — *SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, sobre 2 Coríntios 4:17, 18. p. 1099.

O Senhor tomou todas as providências necessárias para Seu povo desenvolver caracteres que permaneçam de pé agora e na eternidade. Através do sangue de Cristo e da graça de Deus vós e eu temos esperança e auxílio! Agora é o tempo de lançarmos a nossa sorte completamente do lado de Deus e aceitarmos o auxílio que Ele põe à nossa disposição a fim de que possamos viver *por* Ele nesta vida e possamos viver *com* Ele através das infundáveis eras da eternidade.

Tal escolha, prezado Irmão ou Irmã, deve ser feita por si *agora!* «Tudo estará pronto assim que o Irmão estiver pronto!»

«Entre os habitantes da terra, espalhados por toda a parte, há os que não se curvaram diante de Baal. Como as estrelas do céu, que só aparecem à noite, resplandecerão esses fiéis quando as trevas cobrirem a terra, e dessa escuridão os povos. Na África pagã, nas terras católicas da Europa e da América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os entenebrecidos recantos da terra, tem Deus em reserva um firmamento de escolhidos que ainda brilharão por entre as trevas, revelando claramente ao mundo apóstata o poder transformador da obediência à Sua lei.» — Profetas e Feis, pág. 188.